

Indisciplina e Violência em Contexto Escolar: Um Estudo Descritivo numa Escola Secundária do Huambo - Angola

Rodrigues Wapanga

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação

Orientação: Prof. Doutor Paulo Renato Cardoso de Jesus

Setembro, 2016



UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

Rodrigues Wapanga

Indisciplina e Violência em Contexto Escolar:

Um Estudo de Caso Descritivo numa Escola Secundária do Huambo - Angola

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Renato Cardoso de Jesus

Departamento de Psicologia e Educação

Setembro, 2016



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

“Apesar de tudo, a escola é ainda sinónimo de confiança no futuro.”

(Buarque, 2005)

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, de feliz memória, à minha mãe, por me terem dado a vida,

À minha esposa e aos meus filhos,

Dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, Senhor da Divina Providência pelo dom da vida, proteção e inteligência concedidas a mim.

A toda a minha família, pais, esposa, filhos, irmãos, amigos pelo apoio dado, por não me abandonarem mesmo em momentos de inverno do meu trabalho, e por consentirem sacrifício provocado pelas minhas ausências de recolha de dados para este trabalho, o meu eterno reconhecimento.

Ao orientador, Professor Doutor Paulo Renato Jesus, pelos conselhos, contribuições, para melhoria deste trabalho, correcções, competência, zelo, atenção, dedicação, pelo seu espírito de abnegação e de sacrifício, a minha sempiterna gratidão.

À Universidade Portucalense por me acolher e, em especial, os docentes do Mestrado em Ciências da Educação, por todo auxílio e atenção prestados, o meu profundo reconhecimento.

À Direção da Cespu, S.L e à Cespu Formação Angola, no Huambo, na pessoa do Msc Anastásio Vianeke que sempre me deu força e coragem para avançar com os meus estudos mesmo em momentos difíceis, o meu profundo agradecimento.

A todos os professores que, com espírito de desprendimento e de adaptação à nova realidade angolana, com sacrifício, com sua inteligência, conseguiram derramar-nos, de forma ímpar e com excelência, os seus conhecimentos, a minha eterna gratidão.

Ao Doutor Aires Bartolomeu Dias Niuka que derramou o seu saber e consentiu sacrifício para que o meu sonho se tornasse realidade, o meu profundo apreço.

Ao Colega e amigo Fidele Poutou pela ajuda prestada na finalização deste trabalho, o meu muito obrigado.

À Direção da Escola do II ciclo do ICRA (Instituto de Ciências Religiosas de Angola), na pessoa do seu Diretor, senhor padre Salomão Ernesto Domingos, pelas facilidades concedidas no fornecimento de dados que serviram para este trabalho, o meu eterno reconhecimento.

A todos os meus colegas dos cursos de Pós-Graduação e Mestrado em Ciências da Educação, pelo seu espírito empático, caloroso, pelo encorajamento que sempre me deram, pelo seu apoio emocional, o meu grande apreço.

A todos quantos, direta e/ou indiretamente, contribuíram para o êxito deste trabalho, a minha infinita gratidão.

INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA EM CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO DESCRITIVO NUMA ESCOLA SECUNDÁRIA DO HUAMBO – ANGOLA

RESUMO

A presente investigação, dedicada à indisciplina e violência no contexto escolar, surge do comportamento inadequado observado nos alunos da 10ª classe da escola do II ciclo do Instituto de Ciências Religiosas de Angola (ICRA) no Huambo. Este fenómeno de violência escolar é um fenómeno de grande impacto social, que provoca preocupação nos diferentes intervenientes no processo educativo em especial nos professores por serem diretamente afetados pelos seus efeitos. Assim, o objeto principal deste estudo é o conhecimento das formas de violência interpessoal predominantes entre adolescentes em contexto escolar e compreender o seu impacto nos estudantes envolvidos ao nível do processo de ensino-aprendizagem. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo descritivo de natureza mista (métodos quantitativos e qualitativos), privilegiando a recolha de dados sob a forma de questionários, o primeiro aplicado aos 120 alunos selecionados de forma aleatória simples e o segundo aplicado a 28 professores selecionados de forma intencional que lecionam a 10ª classe, os quais constituíram a amostra da presente investigação. Como produto da análise dos resultados, em função dos métodos aplicados, pode-se afirmar que existem vários tipos de violência na escola que afeta o estado de saúde física e mental dos indivíduos. Constata-se ainda que a agressão verbal (violência psicológica) é o tipo de violência que mais predomina nesta instituição escolar. Daí que seja necessário que a escola preste atenção ao que está a acontecer: as relações de professores e alunos desestabilizadas por diversos fenómenos de violência. Afigura-se igualmente pertinente que a Escola implemente um modelo de gestão mais aberto a fim de promover a participação dos pais e encarregados de educação nos processos de tomada de decisão que envolvem os problemas de escola, aumentando a sua compreensão da vida escolar e intensificando a cooperação educativa entre a Escola e as Famílias para que juntos encontrem soluções aceitáveis para um futuro melhor das crianças.

Palavras-chave: Violência; Bullying; Indisciplina escolar; Relação escola-família; Educação cívica.

INDISCIPLINE AND BULLYING AT SCHOOL: A DESCRIPTIVE RESEARCH AT A SECONDARY SCHOOL IN HUAMBO - ANGOLA

ABSTRACT:

This research, dedicated to indiscipline and violence at school, arises from the inappropriate behavior observed in students of the 10th grade at the Secondary School of the Institute of Religious Sciences of Angola (ICRA) in Huambo. This phenomenon of school violence is a phenomenon of great social impact, causing concern in the different groups involved in the educational process especially in teachers because they are directly affected by its effects. Thus, the main objective of this study is to gain knowledge on the forms of interpersonal violence prevalent among adolescents in schools and understand their impact on students involved in the teaching-learning process. From a methodological point of view, this is a descriptive study of a mixed nature (quantitative and qualitative methods), focusing specially on data collection in the form of questionnaires, the first applied to 120 students selected by simple random sampling and the second applied to 28 teachers selected intentionally, which constituted the sample of this research. As a product of the analysis of results, depending on the methods used, it can be said that there are several types of school violence that affect the state of physical and mental health of individuals. Note also that verbal (psychological) aggression is the most prevalent kind of violence in this educational institution. Hence it is necessary that the school pay attention to what is happening: the relationship of teachers and students destabilized by various phenomena of violence. We recommend that the school implement a more open management model to promote the participation of parents and families in the decision-making process involving school problems, increasing their understanding of school life, and intensifying educational cooperation between the school and families together to find acceptable solutions for a better future of children.

Keywords: Bullying; School indiscipline; School-family relationship; Moral Education.

Índice

INTRODUÇÃO.....	13
PARTE I.....	16
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	16
1. VIOLÊNCIA/ <i>BULLYING</i> NO CONTEXTO ESCOLAR.....	17
1.1. Conceito de violência/bullying	17
1.2. Contexto histórico da violência/bullying	18
1.3. As causas da violência	19
1.4. Indisciplina e violência/bullying na escola	20
1.5. Legislação angolana sobre violência escolar	24
1.6. A violência como comportamento instintivo na adolescência.....	25
1.7. Tipos de violência	25
1.7.1. A violência física.....	26
1.7.2. A violência verbal	27
1.7.3. A violência psicológica	27
1.7.4. Violência social	28
1.7.5. Violência sexual	28
1.7.6. A violência doméstica	28
1.8. As consequências da violência	29
1.9. Os principais locais de violência escolar	30
2. OS AGRESSORES	35
2.1. Definição de agressor.....	35
2.2. Perfis do agressor.....	35
2.3. Características do agressor.....	37
2.4. Consequências para o agressor	38
3. AS VÍTIMAS	40
3.1. Conceito de vítima	40
3.2. As consequências para as vítimas	40

3.3. Tipos de vítimas.....	43
3.3.1. A vítima ativa ou provocadora.....	43
3.3.2. A vítima passiva.....	44
3.4. Características da vítima.....	44
3.4.1. Características psicológicas.....	44
3.4.2. Características físicas.....	45
3.4.3. Características sociais.....	45
4. ESTRATÉGIAS DE GESTÃO E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA / INDISCIPLINA ESCOLAR.....	46
4.1. A escola na estratégia disciplinar.....	46
4.2. Os professores na estratégia disciplinar.....	48
4.3. Os alunos na estratégia disciplinar.....	49
4.4. Comunidade, pais e encarregados de educação na estratégia disciplinar.....	49
PARTE II.....	50
ESTUDO EMPÍRICO.....	50
5. METODOLOGIA.....	51
5.1. Definição do problema e dos objetivos de investigação.....	51
5.2. Plano de investigação.....	52
5.3. Amostra.....	52
5.3.1. Caracterização sociodemográfica da amostra de alunos.....	53
5.3.2. Caracterização sociodemográfica da amostra de professores.....	54
5.3.3. Caracterização da amostra dos professores segundo as áreas científicas.....	54
5.3.4. Caracterização da instituição escolar.....	54
5.4. Instrumentos.....	59
5.4.1. Questionários para estudantes e professores.....	59
5.4.2. Escala de Disrupção Escolar Professada (EDEP) pelos Alunos e Escala de Disrupção Escolar Inferida (EDEI) pelos Professores (Veiga, 2006).....	60
5.4.3. Grelha de observação comportamental.....	60

5.4.4. Questionários sobre “Indisciplina escolar: experiências vividas” por alunos e por professores	60
5.4.5. Guião de Entrevista Narrativa para Adolescentes.....	61
5.4.6. Procedimentos	61
6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	63
6.1. DISRUPÇÃO ESCOLAR PROFESSADA (EDEP) PELOS ALUNOS	63
6.2. Indisciplina Escolar: Experiências vividas pelos alunos	66
6.2.1. Episódios de indisciplina vividos.....	66
6.2.2. Ações dos professores	67
6.2.3. Causas de indisciplina e estratégias preventivas	67
6.3. Resultados da Escala de Disrupção Escolar Inferida (EDEI) pelos professores .	68
6.4. Indisciplina Escolar: Experiências Vividas pelos professores.....	70
6.4.1. Episódios vividos	71
6.4.2. Ações dos professores	71
6.4.3. Causas da indisciplina e estratégias preventivas	71
6.5. Análise dos resultados da observação comportamental.....	72
6.6. Entrevistas narrativas a adolescentes	73
6.7. Convergências e divergências entre alunos e professores	75
7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	77
CONCLUSÕES	79
BIBLIOGRAFIA	82
ANEXOS	84

Índice das Tabelas

TABELA 1- Distribuição da amostra dos alunos por idade, classe e sexo.....	53
TABELA 2- A amostra de professores segundo as habilitações literárias e o sexo	54
TABELA 3- A amostra de professores segundo as habilitações literárias e as suas áreas científicas de formação.....	54
TABELA 4- Estudantes do curso de educação moral e cívica por classe, idade, sexo ...	55
TABELA 5- Estudantes do curso de educadores sociais por classe, idade, sexo.....	56
TABELA 6- Dados conjuntos dos dois cursos (educação moral e cívica e educadores sociais).....	57
TABELA 8- Professores da instituição segundo as áreas científicas de formação e graus académicos	58
TABELA 9- Resultados da escala de disrupção escolar professada (EDEP) pelos alunos segundo o sexo	58
TABELA 10- Resultados simplificados da escala de disrupção escolar professada (EDEP) pelos alunos.....	63
TABELA 11- Resultados do fator 1: distração-transgressão/DT	64
TABELA 12- Resultados do fator 2: agressão aos colegas	65
TABELA 13- Resultados do fator 3: agressão à autoridade/AA.....	65
TABELA 14- Resultados dos fatores da EDEI -2006	66
TABELA 15- Resultados da escala de disrupção escolar inferida(EDEI) pelos professores.....	66
TABELA 16- Resultados do fator 1: distração transgressão/DT.....	68
TABELA 17- Resultados do fator 2: agressão aos colegas	69
TABELA 18- Resultados do fator 3: agressão à autoridade/AA	69
TABELA 19- Resultados dos fatores da EDEI-2006	70

Índice dos Anexos

ANEXOS 1 - Pedido de autorização	85
ANEXOS 2 - Questionário sociodemográfico para estudantes da 10ª classe do Instituto de Ciências Religiosas de Angola (ICRA).....	86
ANEXOS 3 – Questionário sociodemográfico para estudantes da 10ª classe do Instituto de Ciências Religiosas de Angola(icra) para menores de 18 anos.....	87
ANEXOS 4 - Questionário: “Indisciplina escolar:experiências vividas por alunos”	89
ANEXOS 5 - Entrevista narrativa para adolescentes	90
ANEXOS 6 - Questionário sociodemográfico para professores	93
ANEXOS 7 - Questionário: “Indisciplina escolar:experiências vividas pelos professores	95
ANEXOS 8 - Grelha de observação de comportamento agressivo ou de indisciplina escolar	96
ANEXOS 9 - Regulamento interno da escola	97

INTRODUÇÃO

Este trabalho incide sobre a violência no contexto escolar. A violência hoje é uma das principais preocupações que aflige a sociedade dos nossos dias. Ela atinge a vida e a integridade física de todas as pessoas que interagem na Escola. Pais, gestores e professores vêm-se obrigados a enfrentar os problemas gerados pela falta da indisciplina dentro e fora dos estabelecimentos de ensino. Os problemas de violência e de indisciplina representam um dos mais antigos e persistentes desafios encontrados nas escolas (Estrela, 2002). “Trata-se, portanto, de um fenômeno que abrange não só os alunos diretamente envolvidos, mas também todos os outros, pois este fenômeno causa na escola um ambiente de trabalho pouco agradável e pouco seguro, afetando todos os alunos em geral” (Pires, 2001, cit. por Barros, 2012, p. 54).

Os maus tratos corporais, castigos físicos, conflitos domésticos e outras agressões são tidos como motivos de decisão das crianças para saírem de casa ou fugir da escola. Os adolescentes precisam de um espaço e de um meio adequado para poderem crescer, relacionando-se uns aos outros, e desenvolverem as suas capacidades mentais. Este espaço deve ser a escola e este meio deve ter estabilidade sócio-emocional e estimulação sócio-cognitiva. Se estiverem sujeitos à violência, os estudantes prejudicam a sua saúde física e psicológica, o seu desenvolvimento humano é perturbado, as suas atividades de aprendizagem e de lazer são afetadas, assistindo-se especialmente a uma desafiliação escolar e desmotivação para as tarefas académicas, resultando em insucesso, absentismo e abandono escolar (Marques, 1998).

Assim, ao pesquisar sobre o tema da “violência na escola”, pretendemos elucidar quais as formas de violência interpessoais predominantes entre adolescentes em contexto escolar e qual o seu impacto nos estudantes envolvidos no processo tendo como horizonte a otimização qualitativa do processo de ensino-aprendizagem. Deve-se ter presente que um futuro melhor para a juventude passa necessariamente pela correta sensibilização e educação sociomoral, no sentido de tomarem consciência coletiva relativamente aos perigos que as atitudes anti-sociais, as múltiplas formas de violência, acarretam. Esta responsabilidade não recai só ao papel do professor, mas cabe a todos os membros que constituem a comunidade educativa e a sociedade em geral.

O problema defluiu pelo facto de estarmos a constatar, com preocupação e indignação pedagógica, dada a experiência profissional na área educativa, que a violência continua a existir em todas as suas formas, com enorme frequência em todo o nosso país, a jovem República de Angola, e em particular na sociedade da província do Huambo. A motivação fundamental para a realização deste estudo nasceu da nossa própria experiência de gestão informal de conflitos em meio escolar enquanto docente. Com efeito, como professor do ICRA (Instituto de Ciências Religiosas de Angola – Huambo), observei regularmente que alguns alunos (adolescentes), sobretudo da 10^a classe, período da manhã e de tarde, apresentavam um comportamento inadequado de indisciplina e, sobretudo, de atos de violência, manifestados por: luta entre eles, insultos, usurpação de propriedades alheias, agressões físicas e verbais como “chamar nomes, espalhar rumores”, etc. Este facto comoveu-nos e suscitou o nosso interesse por uma compreensão mais aprofundada deste fenómeno complexo, tendo em vista a sua prevenção, uma vez que se trata de um atentado contra os direitos humanos da criança ou do adolescente, contra o seu desenvolvimento integral (especialmente, a formação da sua autoestima) e contra o sucesso académico.

O tema em estudo encontra o seu real papel ao proporcionar aos componentes pessoais do sistema educativo, não apenas a missão honrosa de transmissão de conhecimentos, mas essencialmente de garantir a formação de valores morais de convivência cívica que se consubstanciam em atos e atitudes positivas. Deve-se, portanto, promover uma mudança profunda de valores éticos face à violência de modo que os adolescentes cresçam num ambiente saudável e favorável ao pleno desenvolvimento da sua personalidade.

A presente dissertação divide-se em duas partes: uma parte teórica e uma empírica. Na parte teórica, procede-se à elucidação concetual do fenómeno da violência, incluindo o seu contexto histórico e definição científica do conceito, referenciando os autores internacionais que desenvolveram estudos relacionados com a temática central do estudo. Abordaram-se as características do fenómeno, dos protagonistas, chamados “vítimas e agressores”, suas consequências, incluindo a identificação dos principais locais onde ocorrem esses atos de violência e da preocupação da escola para com este fenómeno.

Na parte empírica do estudo, apresentam-se e analisam-se dados quantitativos e qualitativos referentes à percepção que os professores e alunos têm sobre a indisciplina e violência nas escolas bem como sobre as suas causas principais. Deste modo, somos levados à elaboração de estratégias disciplinares que a escola, os professores, os próprios alunos, a comunidade, pais e encarregados de educação poderiam tomar para prevenir a manifestação de tal fenómeno (violência na escola) nos adolescentes da escola do ICRA-Regional do Huambo. Por fim, apresentamos as conclusões, devidamente articuladas com recomendações pedagógicas.

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. VIOLÊNCIA/*BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR

1.1. Conceito de violência/*bullying*

A raiz da palavra violência é a combinação de duas palavras latinas: “*vis*” (força) e “*latus*” participio, significando “força intensa”. Violência (*violentia*) é um comportamento intencional que causa ou possa vir causar danos físicos ou psicológicos a outros seres, e está associada, embora não necessariamente a agressão física, ela também pode ser psicológica ou emocional, através de ameaças ou insultos. Algumas formas de violência são sancionadas pela lei ou pela sociedade, outras são crimes. Diferentes sociedades aplicam normas diferentes em relação às formas de violência que são ou não aceites. Agora, vamos tratar de violência no sentido de *bullying*.

Para Costa e Vale (1998), *bullying* significa «implicar com as pessoas», geralmente alguém mais fraco ou mais novo é que sofre este fenómeno. Nesta mesma perspectiva, Amado e Freire (2002, p. 63, cit. por Sá, 2012, p. 44) sugerem que esta expressão pode traduzir-se por “vitimação e/ou intimidação entre pares ou por maus tratos entre iguais”. Para Sharp e Smith (1995, p.1, cit. por Sá, 2012, pp. 45-46), o *bullying* é

Uma forma de comportamento agressivo que, para além de ser deliberado, provoca normalmente dor no sujeito visado; trata-se, por outro lado, de um comportamento persistente, que perdura, por vezes, ao longo de semanas, meses ou, até, anos e que faz com que seja difícil para aqueles que são vitimados poderem defender-se.

Olweus (1999, p. 10, cit. por Barros, 2012, p. 32) destaca o *bullying* quando “um estudante está sendo vitimizado quando é exposto, repetidamente e por um tempo prolongado, a acções negativas por parte de um ou mais estudantes”. A violência/*bullying* é um fenómeno que acontece só no contexto escolar e não se deixa confundir com outras formas de indisciplina, por isso o *bullying* apresenta características próprias.

Para Rodríguez (2004, p. 23, cit. por Barros, 2012, p. 39), “a violência designa um processo de abuso e intimidação sistemática por parte de uma criança sobre outra que não tem possibilidade de se defender”. A autora relata ainda que esta impossibilidade de a vítima se defender pode dever-se a esta estar habituada a ocupar

esse mesmo lugar de desvantagem na própria família, ou a sentir-se incapaz de enfrentar o poder do agressor.

“Neste sentido a palavra violência referir-se-ia a condutas relacionadas com a intimidação, a agressão, a ameaças e os insultos. O termo emprega-se para definir uma pessoa que atormenta, incomoda ou persegue outra que não tem possibilidade de se defender” (Serrate, 2014, p.17).

Ainda continua o mesmo autor:

Por isso deve referir-se que os termos provocação ou intimidação não devem ser utilizados quando os alunos de idade e força semelhantes discutem ou brigam. Para se utilizar estes termos deve existir um desequilíbrio de forças, isto é, o aluno que sofre as ações negativas deve ter dificuldades em defender-se e deve sentir-se em situação de inferioridade em relação ao aluno ou alunos que o intimidam. (Serrate, 2014, p. 18)

Devemos distinguir as situações de violência na escola, dos atos ofensivos que são típicos nas relações entre alunos, em particular, durante a fase da adolescência e da pré-adolescência. “Os conflitos e as más relações entre iguais, os problemas de comportamento ou de indisciplina são fenómenos perturbadores, mas não são problemas de violência, ainda que possam degenerar neles se não forem resolvidos de forma adequada” (Serrate, 2014, p.19). Logo, sobre a violência na escola não se trata de situações normais entre alunos, nem de brigas entre rapazes (Serrate, 2014).

1.2. Contexto histórico da violência/*bullying*

A violência sempre existiu com a educação, a cultura e a ética. Espera-se, *no entanto*, uma diminuição desta violência. Entretanto, tratando-se de violência na escola, há que reconhecer que a estrutura psicológica é extremamente afetada, acarretando consequências mais ou menos profundas para a vítima, que a podem acompanhar ao longo da vida. Este é um tipo de comportamento que atualmente atinge proporções alarmantes e isto preocupa os governos de todos os Países, Agências das Nações Unidas, organizações não-governamentais e a sociedade em geral. Castro, Cunha e Souza (2011, citados por Barros, 2012, p. 35), definem de forma abrangente o fenómeno da violência, afirmando que esta:

Não se restringe a agressões, inclui qualquer ato sobre a vida das pessoas e as regras de convívio. Ela interfere na sociedade, prejudica a qualidade das relações sociais, desgasta a qualidade de vida das pessoas e culmina em sofrimento. Tornou-se uma questão social e de saúde pública, tanto pelas consequências sociais como pelos gastos no atendimento às vítimas pelo setor de saúde, com impacto negativo em anos potenciais de vida perdidos.

Assim, “a violência é um mal a ser entendido sob uma ótica multifatorial e deve ser analisada por diferentes profissionais como professores, psicólogos e outros agentes educativos e técnicos de saúde e os pais”, comentam (Botelho & Souza, 2007, p. 59, cit. por Barros, 2012, p. 35). Mais especificamente, segundo Barros (2012, p. 36):

A violência começou a ser pesquisada por volta da década de 70 na Europa quando se descobriu o que estava por trás de tentativas de suicídio entre adolescentes. Sem receber a atenção da escola ou dos pais, que geralmente não davam importância às reclamações e ofensas, os jovens entendiam que não trariam maiores consequências e passaram a recorrer a algumas medidas desesperadas, com o propósito de dar fim a longos períodos de sofrimento e humilhação sofridos pelos mesmos de forma permanente.

1.3. As causas da violência

Não sendo alguns desses fatores completamente lineares e consensuais, servem, no entanto, para enquadrar (e entender) alguns dos atos levados a cabo pelos jovens na escola. Assim, podemos elencar causas/fatores de ordem individual, familiar, relacional, escolar, social e/ou cultural.

Ao nível da ordem social, podemos falar de desigualdade e exclusão social que é um dos fatores que leva um jovem a cometer atos violentos, isto porque os jovens estão numa posição secundária na sociedade e possuem menos possibilidades de trabalho, estudo e consumo e são vistos por outros e por si próprios como “inferiores”. Por isso, eles buscam respostas para as suas necessidades básicas, como uma maior identidade, autoestima e proteção e assim a delinquência parece ser uma solução para os seus problemas em curto prazo (Abramovay et al., 1999).

Na linha de fatores de ordem individual, incidem, ainda, sobre os comportamentos de risco em que se verifica um consumo exagerado e repetido de substâncias aditivas, tais como tabaco, álcool ou drogas (Carvalhosa et al., 2001).

Também a divulgação de vídeos de violência na internet aumenta a “aprendizagem” da violência por parte do indivíduo.

Na linha de fatores de ordem familiar, podemos dizer que às vezes as razões de violência estariam ainda no déficit de educação sociomoral, pró-social, recebida das figuras parentais e outros familiares significativos, em que os pais são muito permissivos, talvez mesmo negligentes, em relação ao comportamento dos filhos ou muito agressivos. Por isso, as famílias desempenham indubitavelmente uma importante função socializadora e moralizadora das crianças e dos jovens, pois, é neste núcleo que elas adquirem os modelos de conduta que usualmente exteriorizam. Por conseguinte, “Alunos que, por exemplo, estejam inseridos em núcleos familiares problemáticos (com modelos educativos deficientes) e que, por este motivo, convivam e sofram diariamente com atos violentos ou maus tratos encontram-se inevitavelmente numa condição de maior fragilidade e risco” (Azevedo, 2004, pp. 6-7, cit. por Sá, 2012, p. 54). Os métodos educativos adotados pelos pais podem potenciar comportamentos agressivos nos jovens.

Deste modo, Veiga (2001, pp. 160-161) assinala que:

A recorrente falta de tempo para dedicar aos filhos, a aplicação indiscriminada de práticas coercivas, de práticas disciplinares autoritárias e que se caracterizam pela inexistência de coerência na aplicação de castigos (não punição em algumas circunstâncias e excesso de repressão noutras) exacerba essas condutas agressivas hostis.

Devem, portanto, serem apontadas explicações associadas ao estatuto socioeconómico desfavorecido em que se insere o núcleo familiar, ao desemprego prolongado ou, em certos casos, a manifesta juventude e imaturidade educativa dos pais.

1.4. Indisciplina e violência/*bullying* na escola

A temática da violência nas escolas do mundo, em Angola e, em particular, no Huambo, tem vindo a assumir, nos últimos anos, uma maior visibilidade, fruto de variados fatores, entre os quais podemos destacar o aparente aumento do número de incidentes relatados envolvendo alunos, professores, pais ou mesmo os trabalhadores administrativos ou, por outro lado, a maior atenção dispensada ao problema pela comunicação social.

O tema, na sua vertente escolar, poderá parecer recente, decorrente, e simultaneamente característico, da sociedade individualista e amoral (pós)moderna em que nós vivemos. Contudo, como relembram Estrela e Marmoz (2006, p. 5, cit. por Sá, 2012, p.11),

A indisciplina e a violência nas escolas não são fenómenos novos, mesmo que seja necessário reconhecer que eles adquiriram uma nova visibilidade e uma presença mais pesada na escola de massas de uma sociedade em crise de valores e repleta de desequilíbrios de toda a ordem.

Segundo Serrate (2014, p. 45):

Ainda por violência escolar entende-se estritamente como um fenómeno entre alunos reiterados e não esporádico, em que são produzidos maus tratos por abuso de poder de algum aluno, ou de um grupo deles contra outros ou outros companheiros, os quais, por sua vez, se sentem como vítimas da dita situação abrangendo diversas escalas, desde as simples situações de expulsão ou exclusão, passando pelas agressões verbais e psicológicas, até às agressões físicas realizadas por grupos ou bandos organizados.

Ao longo das últimas três décadas, a violência tem vindo a materializar-se numa temática de crescente interesse e inquietação para a opinião pública, para os decisores políticos, para os diretores das escolas e para os investigadores, em particular. Um dos fortes indicadores ilustradores deste estado de espírito reflete-se, por exemplo, no elevado número de programas de intervenção que têm vindo a ser implementados, um pouco por todo o mundo, sobretudo a partir dos anos 80 do século passado com o contributo pioneiro dado pelo norueguês Dan Olweus. “A escola é tida como instituição primária e como força socializadora basilar da criança, desempenhando, deste modo, um papel de liderança inequívoca na procura da resolução de problemas de violência” (Craig e Pepler, 2007, cit. por Sá, 2012, p. 52). Ainda Besag (1989, p. 101), Moore e Minton (2006, p. 80, cit. por Sá, 2012, p. 52), enfatizam que “a escola deve sentir-se na obrigação de assumir a sua fração de responsabilidade no que diz respeito a este tipo de problemas, em vez de estar continuamente a culpabilizar fontes externas como a sociedade ou a família”. Trata-se por isso de um imperativo ético-moral por parte da escola e dos seus responsáveis.

“A violência escolar tem sido alvo de uma preocupação crescente nas últimas duas décadas; nota-se um grande aumento da investigação sobre o tema, em especial

sobre um tipo específico de violência escolar” (Lourenço, 2009, cit. por Barros, 2012, p. 43). Ainda Barros (2012, pp. 43-44) diz:

Muitos dos casos de agressão que acontecem no meio escolar surpreendem os professores e toda a comunidade educativa num primeiro momento e, em outro, os assustam, diante da gravidade dos fatos e acontecimentos relatados pelos próprios alunos envolvidos, sendo eles vítimas ou agressores. Há pouco tempo, poucas escolas o reconheciam como uma ameaça importante para crianças, professores e funcionários.

“A principal postura em relação ao problema era ignorar o comportamento e torcer para que acabasse o que não acontecia normalmente” (Barros, 2012, pp. 44-45). Continuando, o mesmo autor (Barros, 2012, p. 46):

Apoiando-se nesta ideia, pode-se dizer que o comportamento agressivo é fruto de aprendizagem e a educação dada pelos pais desempenha um papel relevante na formação de uma personalidade mais ou menos agressiva, já que a família, seguida pela escola, é a primeira instituição de contacto social da criança. É que alguns fatores, como a crise econômica contribuem para que isso aconteça.

A crise afeta grande parte da população e torna as pessoas mais violentas na medida em que as obriga a realizarem uma verdadeira batalha diária para a sua sobrevivência. Estes fatores refletem-se nas crianças e as levam a ter atitudes violentas que vêm se difundindo e alcançando grandes proporções.

Segundo Pereira (2001, cit. por Barros, 2012, p. 45):

Refere-se à violência na escola como um problema que afeta de forma séria as crianças, os professores, os encarregados de educação, os pais, os políticos, os responsáveis pela educação e a comunidade em geral. Este fenômeno foi alvo de atenção dos meios de comunicação social, dando assim maior visibilidade ao problema; umas vezes informando, outras apenas chamando a atenção para episódios isolados sem procurar o seu enquadramento e compreensão.

Ainda Pereira (2001, cit. por Barros, 2012, pp. 45-46) continua dizendo:

Frequentemente, as comunidades escolares, os profissionais de educação, em especial, tomam consciência dos problemas da violência e de sua gravidade quando estas já alcançaram altos níveis de incidência e de periculosidade, pelo fato de muitas vezes ignorarem os acontecimentos relativos ao fenômeno. É importante ressaltar que muitas vezes estes profissionais são alertados diariamente por alguns alunos que se preocupam

com seus colegas e também com eles próprios, pois não querem ser a próxima vítima dos absurdos que presenciam. Estes prezam por um ambiente harmonioso, mas, na maioria das vezes, são ignorados pela direção da escola, professores e funcionários.

O importante é que as escolas tomem “a iniciativa de prevenir a violência antes que ela se instale em seu meio e inviabilize o processo educativo, chegando ao ponto de não conseguir resolver, de modo geral, as questões ligadas aos conflitos interpessoais” (Barros, 2014). Portanto, a escola deveria ser um “espaço democrático no qual o ensino se estendesse para além da instrução, a convivência fosse tratada de maneira democrática e os valores humanísticos fossem transmitidos pela educação dos sentimentos e das emoções”. A escola apresenta hoje um novo conceito: antigamente, a preocupação central era ensinar. Atualmente, é ensinar, instruir cientificamente, e educar, formar para os valores socio-culturalmente reconhecidos.

“Não só nos deparamos com inúmeras disciplinas, como a educação para a cidadania e formação humana, como também o próprio papel do professor autoritário, sabedor e transmissor de valores se modificaram” (Cunha 2005, p.10, cit. por Barros, 2012, p. 46). Assim, os resultados atuais não são os esperados na escola, pois os problemas de motivação, desinteresse e indisciplina estão presentes e acabam por resultar em insucesso escolar. Desse modo, a escola deve não só ensinar e educar como também formar (Gomes et al., 2001). “Torna-se necessário formar cidadãos autônomos, habilitados, independentes e confiantes” alunos que estejam preparados para a vida (Pires, 2001, p. 203, cit. por Barros, 2012, p. 46).

Barros (2012, pp. 46-47) é de opinião que:

As escolas deveriam educar a emoção dos seus alunos, estimulando-os a pensarem antes de reagirem, a lidarem com seus medos, angústias, rejeições, fracassos e frustrações, a canalizarem sua agressividade para atividades proativas, a serem líderes, autores de suas próprias histórias, de preferência as que sejam para o bem próprio e dos que os rodeiam.

O que acontece em alguns casos é que as vítimas passam a evitar a escola e os programas sociais, conseqüentemente, afetando o seu desempenho escolar. Além disso, o abuso crônico por parte de colegas da escola tem sido relacionado, na literatura, como um fator de risco para o comportamento suicida entre adolescentes (Pinheiro, 2006). Muitos dos problemas continuam mesmo após a pessoa ter deixado a escola. Estudos

mostram que vítimas de violência, em comparação com pessoas que não foram vítimas de tal violência, têm mais probabilidade de sofrer depressão e baixa autoestima no decorrer de sua vida (Pinheiro, 2006).

Devemos conhecer que a violência, em especial a velada, se instala subtilmente, trazendo uma série de consequências que desestruturam um ambiente escolar:

Somente a partir da conscientização e conhecimento das diversas formas sob as quais se apresenta a violência na escola é que os profissionais de educação deveriam ser treinados a interpretar, diagnosticar e diferenciar a violência das ‘brincadeiras da própria idade. (Fante, 2005, p.99)

Diante dos comportamentos agressivos dos alunos na escola, urge compreender as suas necessidades e formas de expressão, reconhecendo-as e interpretando a sua conduta como um fenómeno relacional.

1.5. Legislação angolana sobre violência escolar

O Governo da República de Angola está a estudar uma política de combater a violência contra a criança em todo o território nacional. O grande desafio do Estado é a intervenção urgente nos setores de Educação, saúde, família e promoção da mulher, juventude e desportos e o setor da justiça, que merece igualmente a atenção, de maneira a que os petizes possam beneficiar dos seus direitos. O governo está a reformar as atividades de prevenção para diminuir o impacto dos fatores de risco e aumentar a capacidade do Estado de proteger e garantir os direitos da criança. Dentro do Ministério do Interior, criaram-se brigadas escolares cujo objetivo é de intervenção, caso aconteçam casos de violência nas escolas entre adolescentes e não só.

A este propósito, Sá (2012, p. 48) declara:

Ainda é de salientar que a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1990) sublinha no seu artigo n.º 19.º, que os Estados têm por obrigação proteger a criança contra todas as formas de maus tratos e, por conseguinte, ela tem o direito fundamental de se sentir segura na escola, o que figura como base indispensável para uma aprendizagem feliz e harmoniosa.

Amado et al. (2002, p. 51, cit. por Sá, 2012, p. 51) destacam como “valores postos em causa nestas circunstâncias o respeito mútuo, a compreensão, tolerância, solidariedade, amizade, lealdade e a cooperação”.

1.6. A violência como comportamento instintivo na adolescência

A violência tem sido descrita como uma forma de comportamento que ocorre quando se rompe o equilíbrio entre os impulsos destrutivos internos e o controle externo. Segundo Freud (1915), o comportamento humano deriva, direta ou indirectamente, de *Eros* e *Thanatos*, o instinto de vida, cuja energia ou libido, é direcionada a uma intensificação ou reprodução da vida, e o instinto de morte que dá origem à agressão, enquanto redirecionamento do instinto de morte autodestrutivo da própria pessoa em direção a outrem. A agressão que causa danos físicos a outras pessoas origina-se de um “instinto de luta” que os seres humanos compartilham com outros animais (Lorenz, 2002). Já que a nossa temática trata de violência entre adolescentes numa instituição escolar, eis que definimos agora o sentido de adolescência.

A adolescência é um período de transição entre a infância e a idade adulta. Ela é caracterizada por profundas alterações do desenvolvimento biológico, psicológico e social. A adolescência é um período em que o crescimento físico e a maturação biológica ocorrem a par e passo com a descoberta do meio social externo ao familiar em que se sucedem as aquisições e descobertas que vão permitir a entrada no chamado “mundo dos adultos” (Nodim, 2000). É um período de mudanças físicas e emocionais, considerado como um momento de conflito ou de crise e de definição da identidade pessoal. A Organização Mundial da Saúde afirma que a adolescência abrange a faixa etária entre os 10 e 19 anos de idade, período de vida que liga a infância à vida adulta (OMS, 2005).

1.7. Tipos de violência

Existem vários tipos de violência, que se podem classificar-se em: violência física, verbal, psicológica, social e sexual. Suas causas podem variar, dependentemente de condições diferentes, tais como situações graves e insuportáveis na vida do indivíduo, falta de responsabilidade pelos pais, pressão dos colegas, etc.

1.7.1. A violência física

Segundo Mynard e Joseph (2000, cit. por Sá, 2012, p. 59):

As formas diretas de vitimização – as que ocorrem “face-a-face” – podem manifestar-se mediante o recurso a ataques abertamente confrontacionais, ao passo que, por seu turno, as formas indiretas de vitimização se traduzem na utilização reiterada de ataques manipulativos secretos.

Assim, no que diz respeito a violência direta, as manifestações físicas refletem-se, por exemplo, em situações onde o agressor bate e pontapeia, ou retira valores. Poderíamos, ainda, acrescentar o puxar de cabelo, o beliscar, o arranhar, o empurrar, o rasteirar, o forçar a comportamentos sexuais, o obrigar a vítima a realizar tarefas servis contra a sua vontade, o roubar haveres, o extorquir de dinheiro (normalmente destinado às refeições) ou, mesmo, a danificação de material, sobretudo escolar.

No que toca à violência direta verbal, esta se traduz mais comumente no recurso ao insulto, ao praguejar, ao gozar, ao ameaçar, ao provocar, ao chamar nomes, ao atribuir de alcunhas desagradáveis, ao mentir, ao emitir comentários ofensivos dirigidos à vítima ou à sua família, ao recurso a reparos racistas e/ou que salientam qualquer defeito ou deficiência. Já a violência indireta, é mais utilizada pelas raparigas, assume contornos encapotados, de teor mais subtil e complexo, e não menos marcantes para as vítimas, pois se, por um lado, são normalmente difíceis de reconhecer (sobretudo na perspectiva dos adultos), tornam, por outro lado, difícil a identificação e localização da fonte que esteve na sua origem (Olweus, 2010).

Esta forma de ofensa acontece quando um aluno espalha histórias com conteúdo negativo pela escola envolvendo a vítima, quando são lançados rumores maliciosos sobre os atributos e/ou condutas de alguém com vista a destruir a sua reputação, sempre que um grupo exclui sistematicamente um colega de um grupo ou não o escolhe para fazer parte de uma equipa ou de um jogo, ameaçando recorrentemente com a cessação de uma amizade, por via do envio e da circulação de emails, mensagens mal-intencionadas ou, até, imagens de telemóvel comprometedoras ou do visado em situações ridicularizadoras.

1.7.2. A violência verbal

É o tipo de violência mais habitual. Ultimamente, o telemóvel também se está a transformar num meio para realizá-lo. Consiste em insultos e, principalmente palavrões; desprezo em público, destaque de defeitos físicos, etc. Este é o tipo mais comum e, é a forma mais rápida para o agressor pôr à prova a sua capacidade de destabilizar a vítima e de a controlar.

1.7.3. A violência psicológica

A violência moral ou psicológica provoca sofrimento emocional intenso. Pode ser perpetrada de forma independente, sem violência física. Mas toda a violência física implica violência psicológica. Portanto, esta última é omnipresente e transversal em todas as experiências de vitimização. Com efeito, segundo Serrate (2014, p. 21),

a componente psicológica está em todas as formas de maltrato. Normalmente, o maltrato psicológico acaba no maltrato físico. Trata-se de ações com intenção de minar a autoestima do indivíduo e fomentar a sua sensação de insegurança e medo. Neste tipo, o agressor manipula a vítima emocionalmente, fazendo-se passar por seu amigo chantageando-a, brincando com as suas fraquezas.

Ainda continua o mesmo autor (Serrate, 2014, p. 21) dizendo que:

esta violência psicológica consegue que a vítima fique sempre dependente emocionalmente do agressor. Destroi a autoestima do indivíduo fomentando a sua sensação de medo. Em geral esta violência psicológica emocional é mais frequente entre as raparigas do que entre os rapazes.

Os comportamentos, atitudes e palavras de um adulto influenciam a formação da autoestima da criança. O ambiente familiar pode ter um impacto profundo, tanto para o bem quanto para o mal. Podem criar um ambiente em que a criança se sinta segura e salva, ou um ambiente de insegurança afeitiva e de terror emocional. Pode colaborar no surgimento de uma autoestima saudável ou fazer tudo o que se possa imaginar para sabotar esse crescimento. Assim sendo, a violência psicológica leva geralmente a perda de autoestima por parte da criança. Sendo esta a disposição da pessoa para se vivenciar com alguém competente e merecedor de felicidade. Um positivo conceito de si mesmo é necessário e essencial para uma vida de plenitude, sendo este sempre negativamente

afetado pela violência psicológica; daí a gravidade desta forma, por vezes muito subtil, de violência.

1.7.4. Violência social

Este tipo de violência pretende isolar a vítima do resto do grupo e dos colegas. Trata-se, geralmente, de uma ação efetuada através de comentários, de abusos verbais, de insultos, de atitudes cruéis, de ameaças, de agressões, de ignorar totalmente a vítima e segui-la depois da escola até sua casa, tratá-la como escrava, etc. Também inclui a violência racial e religiosa.

1.7.5. Violência sexual

“É todo tratamento que implique contacto físico nas raparigas ou nos rapazes, sem o consentimento, gestos obscenos, pedidos de favores sexuais, excesso de relacionamento com companheiro ou companheira se este ou esta não quiser” (Serrate, 2014, p.21).

Ainda entende-se por Violência sexual “as práticas eróticas e sexuais impostas à criança ou adolescente pela violência física, ameaças ou indução de sua vontade” (Fio, 2004, p. 23). Abrapia (2008) considera violência sexual, situação em que uma criança ou adolescente é usado para gratificação de um adulto ou mesmo de outro adolescente com idade superior, baseado numa relação de poder e, incluindo desde manipulação da genitália, mama ou ânus, exploração sexual, orgasmo, pornografia, exibicionismo, até ao ato sexual com ou sem penetração. Elevando os efeitos de violência sexual tem-se, entre outras as seguintes consequências imediatas: lesões físicas gerais, lesões anais, lesões genitais, gestação ou gravidez indesejável.

1.7.6. A violência doméstica

Segundo Pereira e Colaboradores, (2001, p.98),

A violação doméstica é qualquer ato, omissão ou conduta que provoque sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos ou económicos, de modo direto ou indireto, por meio de ameaças, enganos, coação ou qualquer outro meio, a qualquer pessoa que habite na mesma casa (pais, filhos, conjugues, companheiros, namorados, crianças, jovens e idosos) ou que, não habitando na mesma casa que o

agressor, seja conjugue ou companheira, ou ex-conjugue, ou ex-companheira, ou tenha uma relação direta.

A violência doméstica atinge fundamentalmente, as crianças e adolescentes, mulheres, idosas, deficientes ou doentes e constitui uma violação de direitos humanos e das liberdades fundamentais, e é uma ofensa à dignidade humana, limitando o reconhecimento e exercício de tais direitos e liberdade.

1.8. As consequências da violência

Para que haja violência/bullying é necessário que haja pelo menos dois atores sociais em interação num determinado contexto: o agressor e a vítima, e que estas “Interações entre agressores e vítimas possam ser vistas como uma forma de relação porque muitas vezes, como acontece na situação de violência, envolve os mesmos participantes ao longo do tempo” (Ladd et al., 2004, p.398, cit. por Barros, 2012, p. 53).

A violência é abrangente como diz Pires (2001 cit. por Barros, 2012, p. 54):

Violência é um fenómeno que abrange, não só os alunos diretamente envolvidos, mas também todos os outros e toda a comunidade educativa, pois, este fenómeno causa na escola um ambiente de trabalho pouco agradável e seguro, afetando todos os alunos em geral, incluindo também, toda a comunidade educativa.

“As crianças que presenciam uma situação de agressão/vitimação também sofrem, pois sabem da injustiça que está a ser cometida e sentem-se impotentes para ajudar a vítima, acabando muitas vezes por terem de tomar partido entre uns e outros” (Pereira & Pinto, 1999, cit. por Barros, 2012, p.54). As vítimas de violência são alunos mais ansiosos e inseguros do que os outros.

“Quando se sentem atacados, normalmente reagem chorando (em idades mais baixas) e afastando-se”. Trata-se de alunos com uma baixa autoestima, com uma visão negativa de si mesmo e da situação. É frequente que se considerem fracassados e se sintam estúpidos, envergonhados ou poucos atrativos (Olweus, 1999, cit. por Barros, 2012, p.54).

Segundo Costa e Vale (1998, cit. por Sá, 2012, p. 44),

A vítima típica de violência se caracteriza por ser ansiosa, passiva, ter medo e estar constantemente vulnerável a situações que interprete como sendo ameaçadoras,

também não possui estratégias para poder se defender, ou seja, está totalmente vulnerável diante de intimidações. As vítimas, as vezes, apresentam comportamentos e atitudes não agressivas e, geralmente, são contra a violência e estratégias violentas.

Sousa e Nogueira (2010, cit. por Barros, 2012, p. 55) afirmam que:

Perante a violência, as vítimas temem a escola, pois a veem como um local desagradável e inseguro. Os alunos que sofrem violência, dependendo de suas características individuais e de suas relações com a família, podem muitas vezes não superar os traumas sofridos na escola.

Segundo Barros (2012, p.53),

Essas vítimas ou os alunos que sofrem violência podem crescer com sentimentos negativos, especialmente com baixa autoestima, tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento. Podem assumir, também, um comportamento agressivo e mais tarde vir a sofrer ou a praticar essa atitude no trabalho e, em casos extremos, alguns deles chegar a tentar ou a cometer suicídio.

Muitas consequências da vitimação podem também ser associadas à sua causa, reforçando certas tendências e agravando as dificuldades (Pereira, 2008). A este propósito, Pereira (2008, cit. por Barros, 2012, p. 58) afirma que:

Ainda existem outras consequências para as vítimas: vidas infelizes sob a sombra do medo, perda de confiança nos outros e dificuldades de ajustamento na adolescência. Apresenta também as consequências para os agressores: vidas destruídas; crença na força para solução dos seus problemas; dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advém, compreendendo as dificuldades na inserção social; problemas de relacionamento afetivo e social e incapacidade ou dificuldade de autocontrolo e comportamentos antissociais.

1.9. Os principais locais de violência escolar

Para Serrate (2014, p.26),

Considerar os locais em que acontece cada tipo de agressão pode ser útil na altura de tomar medidas para prevenir cada um deles. Em geral, o recreio aparece como o cenário de agressões mais frequentes. O recreio é o lugar de preferência para os insultos, a troça, e especialmente, para estragar e roubar objetos.

Verifica-se que a agressão verbal predomina no recreio e nos corredores, ainda que ocorra em todos os locais. Portanto, o “recreio é sempre um lugar onde acontece o maior número de agressões” (Barros, 2012, p.70).

No contexto escolar propriamente dito, e a partir das diversas investigações levadas a cabo, encontram-se assinalados alguns locais denominados de risco – onde o fenómeno de violência parece ocorrer com maior frequência. Assim, em geral, a violência acontece com alguma recorrência em locais onde se verifica que a vigilância dos adultos é escassa, intermitente ou mesmo inexistente. Este será, por exemplo, o caso concreto do recreio da escola, apontado na maior parte dos estudos como sendo o espaço de maior risco para os alunos. Sharp e Smith (1995, p.3, cit. por Sá, 2012, p.92) “referem, a este propósito, que nas escolas primários três quarto dos alunos que são alvo de violência, o são durante os intervalos ou à hora de almoço”.

Em Portugal, Pereira (1997, p.178; 2006 p.44, cit. por Sá, 2012, p. 92) “identificou os recreios (78%) como espaços de maior perigosidade para os alunos, seguindo-se a sala de aula com 33%, os corredores e as escadas (28%), outros locais (19%) e, por fim, a cantina (6%)”. Apesar da presença física do professor, e não obstante tratar-se de um espaço com áreas relativamente confinadas, a sala de aula continua a ser, por vezes, um ponto de grande tensão entre alunos. Concentrados nas suas responsabilidades de carácter pedagógico, nos programas a cumprir, no processo de ensino-aprendizagem, os docentes podem ser levados inconscientemente a descurar e a subvalorizar determinados tipos de interações que vão ocorrendo entre os seus alunos.

Segundo Olweus (2005, cit. por Sá, 2012, p. 93),

Os docentes raramente destinam as suas atividades letivas para serem discutidas questões relacionadas com esta temática. Esta postura pode evidenciar que, por um lado, os docentes não a consideram como sendo de tratamento prioritário, ou, pode querer sugerir que existe desconhecimento, incapacidade ou impreparação da sua parte que permita a identificação ou, pelo menos, a desconfiança de que um dos seus alunos se encontra envolvido (a) numa situação de vitimização.

No decorrer das atividades letivas, as agressões podem manifestar-se das mais diversas formas – através de risos ou comentários jocosos usualmente dirigidos a alunos com um tom de voz ou sotaque diferentes, que apresentam dificuldades de dicção; recorrendo a gestos ofensivos ou obscenos; por via do arremesso de objetos (papéis,

canetas, borrachas); pela transmissão de bilhetes com conteúdo difamatório ou pelo envio de mensagens com recurso ao telemóvel; ocultando ou destruindo material escolar ou peças de vestuário (estojos, mochilas, blusões); excluindo intencionalmente colegas aquando da realização de tarefas em grupo (Barros, 2012).

Nestas circunstâncias, a função arbitral e pedagógica desempenhada pelo professor assume primordial importância. Para além de uma clara censura a estes atos, deve explicar aos alunos a incorreção das suas atitudes assim como as consequências nefastas que as mesmas causam nos colegas visados. Acresce ainda a indispensabilidade de serem, com regularidade, lembrados e fomentados atos que promovam valores como o respeito, a tolerância e a amizade. “A experiência de brincar na escola é uma vivência fundamental para o indivíduo, já que possibilita maior intimidade com o conhecimento, com a construção de respostas, interpretação e assimilação do mundo por um meio lúdico” (Barros, 2012, p.88).

A escola pode ser o espaço que garante a realização de certas atividades como, por exemplo, os jogos e brincadeiras para garantir que as crianças escoltem regras, se divirtam e desenvolvam a aprendizagem simultânea (Barros, 2012). A criança busca estar sempre brincando em qualquer lugar que esteja. Em casa, na rua, no clube e até mesmo na escola, há um momento, um tempo que se torna esperado e especial para a criança: o tempo do recreio (Barros, 2012). É nesse momento que as crianças se reúnem com os amigos da sala de aula e escola. “O recreio ou o intervalo das aulas é um momento presente na vida de todo estudante. Acompanha-o da educação infantil à pós-graduação. Comumente é falado como um espaço não sério, diferente das atividades intelectuais, um espaço de suposta “liberdade” das crianças para brincarem, pois não estão no controle dos adultos” (Wenetz, 2005, cit. por Barros, 2012, p. 91).

A palavra recreio deriva do recrear, e significa divertimento, prazer (Ferreira, 1999, cit. por Barros, 2012, p.90). O mesmo autor faz referência ao lugar ou período destinado ao recrear, como um espaço nas escolas ou intervalo livre entre as aulas. “Recrear” vem do latim (*recreare*) e parece indicar a possibilidade de proporcionar recreio, de divertir, causar alegria, prazer ou brincar (Barros, 2012). O recreio, nas instituições escolares, vem se configurando como um objeto recente, nas pesquisas em educação. Pereira (2002) destaca que é surpreendente que as questões relativas aos

recreios nas escolas só recentemente tenham vindo a preocupar investigadores, pais e professores, e a tornar-se, nos últimos anos, objeto de estudo.

Os recreios têm um papel educativo que muitos ainda não conhecem. Torna-se assim urgente repensar o papel dos recreios, de forma que as crianças deixem de encarar estes locais como espaços onde as práticas agressivas, o abuso do poder, os insultos e as lutas ocorram frequentemente (Pereira, 1997).

Segundo Pereira (2001, cit. por Barros, 2012, p.92),

É importante ressaltar que o tempo que as crianças passam no recreio é um tempo de autoformação a vários níveis: motor, social e emocional. Este espaço/tempo bastante apreciado e esperado pela maioria das crianças torna-se por vezes em períodos e locais de bastante sofrimento e angústia por parte delas.

Barros (2012, p. 92) diz ainda que:

No recreio, as crianças estão entregues a si próprias: são elas que escolhem o seu grupo de amigos, as atividades e jogos que podem realizar, sem a influência direta de professores e adultos. Desta forma, estão livres para fazer o que quiserem e gostar em um tempo e espaço que pertence a elas.

“Nos recreios as crianças tomam decisões, escolhem o grupo, definem quando devem iniciar e terminar o jogo” (Pereira, 2006, cit. por Barros, 2012, p.92). Porém, os recreios são espaços pobres da escola, muitas vezes negligenciados. Para Marques (2001), trata-se de um espaço de aprendizagem, desenvolvimento, socialização e de jogo, que se desenvolve mediante as condições e características que apresenta. “Criar espaços de jogo, de desporto para todos, equipados de acordo com as necessidades e interesses dos educandos, é um dever e obrigação da escola” (Ferreira & Pereira, 2001, p. 235, cit. por Barros, 2012, p.92).

Cunha (2005) considera um bom ambiente de recreio aquele que proporciona aos alunos flexibilidade e diversidade de ações, que oferece um conjunto de experiências de jogo e aprendizagem, se caracteriza exteriormente por um local com espaços verdes e cor, mas, sobretudo, que permite aos alunos o seu desenvolvimento direto antes, durante e após a construção.

Barros (2012, p.93) insiste que:

O recreio escolar é um intervalo pequeno, porém, fundamental para a formação da personalidade das crianças; é um tempo onde acontecem fatos marcantes na vida de quem por ele, passa, ficando lembranças boas e más, momentos de conquistas e derrotas como outros momentos. Esse espaço livre, na maioria das vezes, é utilizado para as crianças brincarem, lancharem e se expressarem livremente; essa liberdade que os alunos têm durante o recreio, entretanto, pode ser marcada com práticas agressivas visíveis e não visíveis, para prejudicá-los moral, física e psicologicamente.

O recreio sempre foi um momento muito esperado pelos alunos na escola. É quando as crianças se encontram para fazerem o que mais gostam: brincar. Porém, muitas vezes, não é bem isso que acontece. Foi constatado em estudos realizados por Marques (2005) e Cunha (2005) que desde o primeiro ano de escolarização as brigas e as discussões surgem muito cedo entre as crianças, tanto no pátio da escola como dentro da sala de aula.

“Por isso é importante à criança brincar, pois ela, irá se desenvolver permeada por relações cotidianas e assim construir a sua identidade, a imagem de si mesmo e do mundo que a cerca” (Barros, 2012, p.97).

2. OS AGRESSORES

2.1. Definição de agressor

Entre os estudos realizados destacam-se os do pioneiro Dan Olweus, em que se define pela primeira vez este tipo de intimidação que é designado por bullying. O agressor pode ser definido como o agente dominante que exercerá violência física ou verbal de forma continuada contra outro aluno.

“Os agressores apresentam um perfil e um quadro psicológico complexo e, em certa medida, antinómico” (Formosinho e Simões, 2001, p. 72, cit. por Sá, 2012, p. 105). Ao contrário do que sucede com as suas vítimas, os sujeitos agressores – os violentos – revelam, em alguns casos, uma tendência natural para evidenciarem competências sociais, relacionais e comunicacionais consideravelmente mais desenvolvidas. “Apresentam-se, pois, por norma, mais populares, mais extrovertidos, socialmente mais confiantes que os colegas ofendidos, com notórias e sólidas aptidões comunicacionais” (Field, 2007, p. 25, cit. por Sá, 2012, p.105). “Outra das características típicas e naturais deste grupo de jovens diz respeito à sua evidente exteriorização de atitudes comportamentais agressivas” (Amado e Freire, 2002, p. 57); não só são exercidas sobre os seus pares, mas igualmente dirigidas aos adultos com quem convivem diariamente – sejam pais, professores ou pessoal não docente.

Para entender a origem dos comportamentos de violência e iniciar um plano de prevenção de violência escolar, deverá considerar-se o perfil do agressor, a sua idade e os motivos que em cada caso, o levam a infligir humilhações e maus-tratos contra outros.

2.2. Perfis do agressor

Segundo o estudo clássico de Olweus (1970, cit. por Serrate, 2014, p.104) existem três perfis principais:

1. O agressor ativo: é o que estabelece uma relação direta com a vítima em questão, agredindo-a de forma pessoal. Este tipo é o mais estudado, ainda que estatisticamente seja o grupo menos numeroso.

2. O agressor social indireto: Trata-se do agressor que dirige de forma dissimulada os seus seguidores, induzindo-os a comportarem-se de forma violenta com outros alunos. Este tipo é mais difícil de identificar, visto que o seu perfil não é do agressor-tipo e a sua atividade não é claramente perceptível.
3. O agressor passivo: Trata-se do sujeito que não participa diretamente na ação violenta, mas que apoia o agressor. Este é o grupo mais numeroso, se bem que a sua conduta não tenha sido tão analisada como a do agressor ativo, apesar de uma grande parte da responsabilidade do ato violento recair sobre ele.

Normalmente os agressores ativos não atuam sozinhos. A atuação em grupos de amigos é um facto característico neste tipo de violência, ainda que em muitas situações haja um aluno no grupo que é o cabecilha. Os alunos próximos do agressor que toma a iniciativa podem ser também sujeitos violentos e beligerantes, que se divertem em humilhar os outros e que vêm como algo normal agredir para se fazer valer.

Com a evolução dos estudos sobre a violência escolar, os tipos de perfil do agressor alargaram-se devido a uma realidade crescente nas escolas, estabelecendo-se um quarto personagem: o espetador. Segundo Serrate, (2014, p.105), “espetadores são aqueles alunos, professores ou familiares que conhecem a situação de violência e não fazem nada para evitar”. Olweus (1970) interpretou a falta de apoio dos companheiros em relação às vítimas como o resultado da influência que os agressores exercem sobre eles. Normalmente, os casos de violência escolar ocorrem sobre um único indivíduo, mas são episódios de violência que geram elevados níveis de stress no conjunto dos alunos. Cada turma de uma escola é como um pequeno microcosmos, uma unidade ou universo social, em que cada um assume um papel. Visto que todos os companheiros se conhecem, perante uma situação de violência, os alunos estabelecem o pressuposto de que isso também me poderia acontecer.

Serrate (2014, p.106) distingue vários tipos de agressões consoante a sua natureza e que são:

- Física: agressões como pontapés, murros, empurrões etc. Com a adolescência este comportamento vai diminuindo, dando lugar a outro tipo de agressões diretas, murros, assédio sexual ou indireta, como estragar coisas, etc.
- Verbal: Caracteriza-se pelo uso de alcunhas, insultos, o menosprezo em público ou ridicularizar constantemente algum defeito visível da vítima. A grande maioria dos

autores que tratam o problema da violência nas aulas reconhece esta forma como a mais habitual nas suas investigações.

- Psicológica: ainda que a componente psicológica apareça em todos os tipos de maus- tratos, esta forma de agressão pode considerar-se à parte, sendo definida como aquela cujo objetivo principal é destruir a autoestima do indivíduo, fomentando assim a sua sensação de insegurança e medo. Nela podemos incluir a chantagem ou as agressões verbais.
- Social: O objetivo deste tipo de maltrato é isolar a vítima do grupo, deixando-a sentir-se com um estatuto inferior e divulgando esse facto ao resto dos indivíduos que formam esse grupo, que já se consideram como colaboradores do agressor com a sua própria inibição contemplativa.

2.3. Características do agressor

A maioria dos autores que trataram este tema de violência escolar concorda que existe uma série de características comuns que definem o perfil do agressor tanto psíquico como física e socialmente (Serrate, 2014, p.107) sendo as seguintes:

- Características psicológicas

O agressor é identificado como um indivíduo de temperamento agressivo e impulsivo com grandes dificuldades de comunicação e de negociação. Por isso as suas capacidades sociais são deficientes, mesmo assim, o autor atribui-lhe uma grande falta de sensibilidade para os sentimentos da vítima, sendo totalmente alheio ao sentimento de culpabilidade.

Outra característica que define a personalidade desses indivíduos é a sua falta de controlo de raiva e o elevado nível de hostilidade que faz com que interpretem as suas relações com os outros como fonte de conflito e agressão para si mesmos. São pessoas eminentemente conflituosas e impulsivas tanto com os seus próprios companheiros como com os adultos, com uma necessidade constante de dominar os outros. Os alunos que participam em atos de intimidação parecem ter uma necessidade de se sentirem poderosos e ao comando. Aparentam ter prazer ao infligir dor e sofrimento aos outros e frequentemente defendem as suas ações ao dizer que as suas vítimas os provocaram de alguma maneira. Em suma, pode-se dizer que as características do agressor são: temperamento agressivo;

impulsividade; falta de empatia com a vítima; falta de sentimentos de culpabilidade; falta de controlo de raiva; autonomia e elevada autoestima.

- Características físicas

Ainda segundo Olweus (1998, cit. por Serrate, 2014, p.109), o agressor-tipo é identificado com o sexo masculino, dado que este comportamento é mais habitual nos rapazes do que nas raparigas. Para além do sexo, outro dos traços que sobressai na maioria deles é a superioridade física. Nos vários estudos sobre a violência escolar feitos pelo mesmo autor, é comum a teoria de que as características gerais do agressor típico são uma combinação das psicológicas com uma forte compleição física. De facto, estatisticamente, o aspeto físico desempenha uma importante função no fenómeno de violência escolar, pois os agressores são mais fortes que a média e, sobretudo, mais fortes do que as vítimas. Assim, podemos dizer que as características físicas dos agressores em geral são as seguintes: são do sexo masculino e fisicamente são mais fortes.

- Características sociais

Garzia Orza (1995, cit. por Serrate, 2014, p.110), especialista teórico nesta questão, assinala a importância das características sociais que definem o agressor, pois estas evidenciam as causas pelas quais o sujeito se vê impulsionado ao ato violento. Normalmente, estes indivíduos sofrem um problema de adaptação nas suas relações com uma carga excessivamente agressiva nas interações sociais. Os traços sociais que definem o agressor são: menor integração escolar; menor popularidade do que os alunos bem adaptados, mas maior do que as suas vítimas; carência de laços familiares e pouco interesse pela escola; sente que seus pais ou professores não lhe prestam atenção suficiente, etc.

2.4. Consequências para o agressor

Serrate (2014) distingue consequências diretas e indiretas. As consequências diretas são aquelas que o agressor pode sofrer em curto prazo, isto é, os castigos ou reprimendas a que pode ser sujeito por parte dos pais ou professores no momento imediatamente a seguir à ação violenta em si. As consequências indiretas são as que afetarão em maior medida a psicologia própria do agressor a longo prazo. Depois de várias agressões sem castigo, o sujeito aprende a conseguir os seus objetivos sempre de forma violenta,

encaminhando-se para uma conduta delituosa permanente. A ação do agressor consegue reforçar-se sobre o ato violento como algo de bom e desejável e, por outro lado, constitui-se como forma de obter um determinado estatuto de grupo, uma forma de reconhecimento social por parte dos outros. Para os seguidores do agressor e os espetadores passivos, destaca-se para estes jovens como consequências a insensibilidade perante o sofrimento dos outros, à medida que vão cometendo ações repetidas de agressão nas quais não são capazes de intervir para as evitar.

Para a sociedade, os agressores crónicos tendem a seguir este tipo de comportamento até à idade adulta, o que influencia negativamente a sua capacidade de desenvolver e manter relações positivas em sociedade. “Tudo isto afeta de forma totalmente negativa a sociedade, contribuindo para taxas elevadas de violência e aumento dos índices de criminalidade, por isso é necessária a prevenção e a procura de soluções desde a origem do problema” (Serrate 2014, p. 120).

3. AS VÍTIMAS

3.1. Conceito de vítima

A problemática da violência não se pode reduzir a uma perspectiva dicotômica e simplisticamente redutora que coloca em lados opostos agressor(es) e vítima(s) (Espelage & Swearer, 2010, p.61, cit. por Sá, 2012, p. 99). Para além destas duas personagens centrais, “sobressaem (em segundo plano) outros intervenientes, direta ou indiretamente presentes ou envolvidos – os pares (*bystanders*), o pessoal docente e não docente, a direção da escola e a família” (Pereira, 2008, p. 20). As vítimas passivas constituem o tipo mais comum de sujeitos objeto de ofensas. Apesar de os estudos revelarem a existência de alguns traços habituais continuadas, não está estabelecido um perfil único e padronizado para descrever uma potencial vítima de violência (Sharp, 2002); que efetivamente qualquer jovem pode vir a ser vítima de violência nos jovens mais expostos, e com maiores probabilidades de virem à ser alvo destas agressões.

3.2. As consequências para as vítimas

As consequências de uma agressão escolar podem ser especialmente graves para a vítima, desde levá-la a uma negação de si próprio até à sua própria autodestruição. Mas não é só o próprio sujeito vitimizado que sofre essas consequências, o seu meio próximo e a sociedade em geral também sofrerão consequências claramente negativas se essa agressão ocorrer.

Segundo Serrate (2014 pp. 96-97):

A vítima é para quem a agressão tem consequências mais nefastas, pois pode terminar em fracasso e dificuldades escolares, elevados níveis de ansiedade reiterados e, mais concretamente, antecipação de ansiedade, insatisfação, fobia de ir à escola, riscos físicos e a configuração definitiva de uma personalidade insegura e doentia para o desenvolvimento correto e completo da pessoa.

Porém, Olweus (1993, cit. por Serrate, 2014, p. 97) assinala que:

as dificuldades que a vítima sente para sair da situação de ataque pelos seus próprios meios provoca nela efeitos claramente negativos como a descida da autoestima, os estados de ansiedade e, inclusivamente, quadros depressivos com a consequente impossibilidade de integração escolar e académica. Os sintomas de

uma vítima manifestam-se em curto prazo. Os alunos intimidados rapidamente começam a sentir medo, solidão e desamparo e tentarão por todos os meios, evitar situações em que são humilhados.

Nesta fase, é vital o alerta e a atuação de pais e professores para evitarem um processo de sofrimento prolongado que possa ter consequências maiores. Com o tempo, o jovem agredido desenvolverá mentalidade de vítima. Consequentemente, sentir-se-á inferior e terá sentimentos de culpabilidade (Serrate, 2014). Mostrar medo de algum modo implica a vitória do agressor, pois induz à noção de que os seus métodos de violência física ou verbal são eficazes. De acordo com o mesmo autor (Serrate, 2014, p. 97),

O aluno intimidado cairá num ciclo de se deixar levar pelas ordens e humilhações, sentir-se-a confuso, inibido e totalmente isolado. Vários estudos demonstram que as pessoas que sofreram violência de qualquer tipo por parte dos colegas na sua infância ou adolescência tendem a caracterizar-se na vida adulta por uma personalidade frágil, baixa autoestima, problemas psicológicos, como depressões crónicas ou fobias acentuadas, afetando claramente as suas relações pessoais.

De salientar também que o facto de um filho, irmão ou neto se transformar em vítima de agressões psicológicas ou físicas na escola se possam converter num verdadeiro calvário para a família. Os pais culpabilizam-se pelo que acontece aos filhos. Isto pode provocar-lhes grandes depressões e insegurança, não lhes deixando espaço para ajudarem o filho. Estas consequências podem agravar-se na família se o menor sofrer algum efeito psicológico grave por causa dos maus-tratos, ou ainda pior, se o perderem para sempre. Esta insegurança aumenta especialmente quando se tentam procurar as causas do aumento de casos de violência escolar e estas não se encontram facilmente. Mas a sociedade não se coloca a si própria como responsável dessas agressões, mas sim, que em geral, é na família que recaem as culpas pelas situações de violência escolar (Serrate 2014).

De acordo com Martínez (2002, p. 20) “a vida de um jovem vitimado pode gradualmente tornar-se um inferno levando em conta a dureza das consequências nefastas provocadas pela violência”.

Porém, Beane (2011, p.198) diz:

Para além dos riscos físicos eminentes, o grande infortúnio destes jovens pode, de forma dramática e irreversível, repercutir-se ao nível do seu estado psicológico e da

sua adaptação social, conduzindo-os, por conseguinte, à marginalização, ao isolamento, ao insucesso e dificuldades escolares, a níveis altos e contínuos de ansiedade, à baixa autoestima, à insatisfação pessoal, a problemas de ordem psicossomática ou até à perda de vontade de ir à escola.

Formosinho e Simões (2001, p. 74) realçam igualmente como principais consequências para a(s) vítima(s):

uma degradação progressiva do seu estado emocional – vidas infelizes, destroçadas, pautadas por uma sensação permanente de medo; uma constante auto culpabilização pela condição vivida, uma perda gradual da autoestima, da autoconfiança e da confiança depositada nos pares e nos adultos, uma incapacidade de concentração nas tarefas escolares e domésticas do quotidiano – que pode inevitavelmente conduzir a um quadro clínico de depressão.

Pode, em consequência disto, verificar-se um processo de dissociação com o grupo (em primeira instância, a turma em que se encontra inserido). Este estado de alma negativo potencia, ainda, fortemente a desmotivação perante o estudo, o que naturalmente acarreta prejuízos ao nível do seu rendimento escolar. Beane (2011, p.28) e Smith (2000, p. 12) sublinham, por outro lado, “que as vítimas podem, ao fim de algum tempo, manifestar forte relutância em continuar a frequentar a escola, elevando, portanto, os níveis de falta de assiduidade”. Em casos mais gravosos, Smith (2000, p. 12) “alerta igualmente para situações de depressão profunda e de perda de confiança na vida adulta”.

Ao falarmos de vítima num contexto de violência escolar estamos a referir-mo-nos ao aluno que carrega o papel que lhe foi designado pelo grupo de brigões dominante na turma e que, sistematicamente é troçado, insultado, humilhado e posto ao ridículo à frente de todos os seus companheiros que partilham essa situação de forma tácita (Serrate 2014). São cada vez mais habituais os casos de menores que recusam ir à escola sem motivo aparente, fingindo todo tipo de doenças que sirvam de justificação aos pais antes de lhes revelarem que estão sendo vítimas de uma agressão por parte de um ou vários companheiros que lhe tornam a vida impossível.

Mas sem dúvida o paradigma de vítima, segundo (Serrate 2014, p.80):

Encontrámo-lo nos menores que sofrem situações de ajuste tácito para lhes criar o vazio e isolá-los de forma rotunda e severo sendo objeto de condutas reiteradas de

insultos, agressões físicas recorrentes, humilhações públicas, trabalhos forçados, rejeições explícitas submetidas por algum ou alguns dos seus colegas de escola e que não podem defender-se pelos seus próprios meios.

No aspeto social de violência escolar, as vítimas são, sem dúvida, os mais desconhecidos, para além de serem aqueles que são diretamente mais afetados. As vítimas são os alvos mais fáceis para os agressores. “A violência também pode ser exercida por um grupo de intimidadores que humilham e troçam da vítima amparada pela proteção que o grupo lhes dá, ainda que geralmente haja um cabecilha que dirige o bando” (Serrate, 2014, p. 80). São muitas e várias as razões que podem levar uma criança ou um adolescente a atacar o outro, mas é que a vítima apresenta uma ou várias diferenças em relação ao agressor. Este se apercebe que é vulnerável a ele e é essa situação vantajosa que permite ao agressor desenvolver a sua maldade o seu livre arbítrio.

3.3. Tipos de vítimas

Assim como acontece no caso de agressor, segundo Olweus (1998, cit. por Serrate, 2014, pp. 83-84) existem vários tipos de vítimas:

3.3.1. A vítima ativa ou provocadora

A vítima provocadora consegue atuar como agressor mostrando-se violenta e desafiadora. Podem ser alunos que têm problemas de concentração e tendem a comportar-se de forma irritante. É grupo de vítima que tem mais caráter e dão provas das suas tentativas de resposta às hostilidades. Esta reação à violência, muito menos frequente tende a dar-se em adolescentes mais irritáveis e violentos, com menos maturidade e com maiores problemas para se relacionarem com os seus companheiros. O grupo das vítimas ativas, provocadoras ou agressivas encontra-se, no entender de Martins (2000, p.80), “numa posição de maior risco comparativamente com os demais pares que se caracterizam por ser apenas agressores ou apenas vítimas”.

Segundo Costa e Vale (1998, pp.28-29, cit. por Sá, 2012, p. 102),

As vítimas provocadoras mostram grandes níveis de irrequietude na medida em que estamos perante jovens ativos, assertivos, mais autoconfiantes e fisicamente

mais fortes do que as outras vítimas. Acrescentam que, por norma, estes apresentam amiúde queixa aos professores – e pessoal não docente – de que estão a ser objeto de constante agressão por parte dos colegas (normalmente da mesma turma), levando, por esta via, os adultos a desvalorizar o incidente objeto de relato; são, como vimos, alunos facilmente provocados mas que de igual modo provocam os outros.

Pelos motivos expostos, as vítimas provocadoras constituem, de facto, um grupo singularmente vulnerável e psicologicamente problemático nas escolas, sobretudo pelas dificuldades que evidenciam no relacionamento com terceiros. Esta postura particularmente enervante e provocatória serve, com frequência, de pretexto aos agressores para legitimarem a prática dos seus atos.

3.3.2. A vítima passiva

Segundo Olweus (1998, cit. por Serrate, 2014, p. 84),

A vítima passiva é a mais comum, são sujeitos inseguros que se mostram pouco e que sofrem calado o ataque do agressor. Em geral, estes alunos são mais frágeis e vulneráveis, sentem-se aterrorizados e não respondem com violência. São os alunos que perante o insulto desatam a chorar ou cedem à chantagem do intimidador, uma situação que os transforma em pessoas ansiosas, temerárias e solitárias. Portanto, as vítimas passivas caracterizam-se por serem tímidos ao agressor, mais jovens ou frágeis do que ele; são sujeitos inseguros, etc.

3.4. Características da vítima

Olweus (1998, cit. por Serrate, 2014, pp. 85-87) apresenta uma série de características psicológicas, físicas e sociais para este grupo de vítimas que são:

3.4.1. Características psicológicas

Os alunos que são vítimas de intimidação sofrem de ansiedade e insegurança. Normalmente têm uma autoestima baixa e raramente se defendem ou exercem represálias quando são confrontados pelos agressores, excetuando os casos de vítimas ativo-provocadoras. Por vezes, falta-lhes habilidades sociais e, com frequência, encontram-se socialmente isolados.

No comportamento das vítimas de violência, valorizou-se especialmente a autoestima e a sua relação com os efeitos contextuais dos seus companheiros. As características psicológicas da vítima são: frágil; insegura; ansiosa; cautelosa; sensível; calma; tímida e com baixa autoestima; desgosta-se facilmente; não se defende sozinha; tem uma visão negativa de si própria e dos seus companheiros e é imatura para a idade.

3.4.2. Características físicas

Algumas investigações dizem que existem mais rapazes vitimizados, outros indicam que existe um número semelhante de vítimas femininas e masculinas. Segundo Mombuso (1994), as investigações realizadas no Japão indicam que as intimidações se dirigem maioritariamente às raparigas. "Em Portugal, as raparigas são com maior frequência vítimas de agressões indiretas, enquanto os rapazes são mais frequentemente alvos de agressões físicas e de ameaças" (Pereira et al., 1996). De um modo geral, os rapazes estão mais frequentemente envolvidos em atos de violência do que as raparigas (Matos & Carvalhosa, 2001).

As vítimas são menos fortes fisicamente, em especial no caso dos rapazes (Olweus, 1998). O mesmo autor aponta certos sinais visíveis que o agressor escolhe para atacar as vítimas e que as destaca de outros alunos. Características como os óculos, a obesidade, a cor da pele, a maneira de falar ou gesticular, o corte e a cor do cabelo, etc., na medida em que são muito diferentes do que é a norma do grupo; são os chamados "desvios externos". Depois de escolher a vítima, o agressor explora esses traços diferenciadores de forma negativa depreciando-os.

3.4.3. Características sociais

As características sociais que definem as vítimas deste tipo de agressões podem ser decisivas para compreender a sua conduta. Na escola, são pessoas que se relacionam pouco com o resto dos colegas, não é habitual que tenham um grupo de amigos que os apoie e a sua timidez impede-os de se sentirem apoiados pelo grupo de professores, pois, geralmente, não conseguem transmitir-lhes a situação por que passam. Não conseguem participar em atividades extra-escolares, nem de ócio com o resto dos colegas, o que não quer dizer que não tenham interesses individuais. No meio familiar, as vítimas passam mais tempo em casa.

4. ESTRATÉGIAS DE GESTÃO E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA / INDISCIPLINA ESCOLAR

4.1. A escola na estratégia disciplinar

A escola constitui o centro de todas as actividades educativas, o alcance de suas ações transcende o âmbito escolar e chega a toda sociedade. A escola tem que prestar atenção no que está acontecendo com ela: como se dão as relações entre alunos, as relações com os professores, em todos os fenómenos da violência que são as ameaças, as homofobias, a violência de género, etc. Assim, a escola tem que abrir as portas para os pais e encarregados de educação para entenderem o que acontece aos seus filhos e pedirem ajuda e fazer com que essa relação escola família não seja de competição, mas sim de cooperação. A Escola como organização deverá conceber, planear, implementar e avaliar estratégias de prevenção e de superação da indisciplina e da violência.

No dizer de Jauch e Glueck (1980),

Estratégia é uma palavra com origem no termo grego, *strategia*, plano, método ou manobras usadas para alcançar um objetivo ou resultado específico. Uma estratégia é normalmente estipulada para ultrapassar algum problema. Estratégia pode ser ainda o conjunto de objetivos que uma Instituição deseja atingir e a forma de alcançá-los. Portanto, podemos definir estratégia como um plano unificado ou conjunto de regras englobante e integrado, relacionando as vantagens estratégicas com os desafios do meio envolvente. É elaborada para assegurar que os objetivos de uma Instituição sejam atingidos. Em síntese, estratégia é o caminho que a Instituição deverá seguir para obter o sucesso de algo.

A estratégia essencial passará pelo desenvolvimento educativo de valores cívicos e éticos, valores estes que não são inatos e também mediante este processo os alunos formam hábitos, sentimentos, atitudes, comportamentos, personalidades capazes de resolver conflitos de forma pacífica, cooperativa e racional. Para que a escola cumpra cabalmente com a sua função é necessário que a convivência democrática seja a característica importante e os responsáveis pela educação devem pensar nesta particularidade a fim de que o ambiente escolar fosse substituído pelo senso da responsabilidade.

A escola deve desenvolver projetos para a busca da valorização do ser humano como um ser que merece dignidade e respeito, um ser que merece um ensino que tenha como meta a reconstrução dos valores morais e espirituais. A escola deve ser espaço de proteção e não de violência, um espaço de segurança e de futuro melhor para as crianças. Para que a comunidade crie ações educativas que deverão ser baseadas em valores, normas e modelos de conduta, que serão inculcados no sentido de formar a personalidade do indivíduo, é necessário que se estabeleça uma vinculação entre a escola e a comunidade, isto é, realização de atividades permanentes entre professores, encarregados de educação e toda a comunidade educativa.

A presença da violência na escola torna o ambiente escolar um lugar hostil, propiciando um clima de aula tensa e gerando maus relacionamentos entre os alunos e mesmo entre professores (Pinheiro, 2006). A presença de violência na escola faz com que a ação educativa perca o sentido e se perverta num contexto em que é possível o exercício do abuso do poder, reforçando o medo e a submissão.

Todos que fazem parte da escola deveriam conhecer a realidade da qual fazem parte e conscientizar-se da mesma e assumir o compromisso de intervir nos problemas, bem como, ter comprometimento. Esses são dois passos muito decisivos para começar a abordar a questão da violência em uma escola: primeiro a conscientização e, segundo, o compromisso de todos (Barros, 2012). A sensibilização e formação da direção da escola, dos professores, dos funcionários, dos alunos, das associações de pais e da comunidade local são uma etapa importante para criar um clima de não tolerância da violência na escola (Pereira, 2007).

De acordo com Barros (2012, p. 61), “diretores, coordenadores, professores, inspetores, pais e alunos devem buscar alternativas para diminuir este problema que afeta praticamente todas as instituições de ensino públicas e privadas e em qualquer nível social e económico que as crianças se encontrem”. Desde os alunos menores até os mais velhos os problemas aparecem. É comum, assim, as escolas buscarem alternativas para diminuir o problema da violência escolar. Uma das alternativas utilizadas para amenizar o problema é inserir programas de intervenção que tenham como objetivo combater a violência no contexto escolar. Em síntese, a escola deve criar regras para combater a violência. A escola tem de ser um local de aprendizagem, onde se tenha

harmonia, onde as crianças tenham direitos iguais, brinquem quando e com quem quiserem e possam viver em paz.

4.2. Os professores na estratégia disciplinar

Seria importante fomentar cursos de capacitação para que os professores estivessem mais preparados para enfrentar as situações de violência observadas e detetadas por eles. A conscientização e o compromisso devem ser responsabilidade de todos para combater a violência no ambiente escolar. “Os educadores devem ser responsáveis por uma melhor supervisão e por uma monitorização mais vigilante do comportamento dos estudantes” (Beane, 2006, p. 17, cit. por Barros, 2012, p. 47).

A complexidade de comportamentos agressivos dos alunos na escola precisa ser bem mais estudada porque ocorre ainda, de acordo com Perrenoud (2001, p. 41, cit. por Barros, 2012, p. 50), “que muitas vezes os professores adotam estratégias sem futuro, estratégias que não resolvem nada e apenas deslocam os problemas ou adiam as decisões”. O professor desempenha um papel fundamental na prevenção de violência escolar nos adolescentes tendo em conta que ele constitui o modelo dos seus alunos, já que a sua maneira de ser joga um papel determinante para o desenvolvimento harmonioso dos mesmos. Ainda Barros (2012, p. 51) diz:

Assim, diante das situações que ocorrem dentro do contexto escolar, os professores têm sido peças-chave para a prevenção da violência escolar. O professor é um “modelo” a ser seguido, é um formador de opinião. Ele tem o poder de intervenção grande e pode vir a mudar direta ou indiretamente o comportamento de seus alunos.

Entre os vários estilos de professores que compõem uma escola, um merece atenção especial: o professor considerado calmo, que atua com tranquilidade, assertividade, empatia e segurança em situações de violência, situações que podem fugir ao seu controle (Barros, 2012).

4.3. Os alunos na estratégia disciplinar

Os alunos devem ser responsáveis por respeitar os seus direitos e os seus companheiros. O envolvimento dos pais, dos professores, dos administradores das escolas, dos alunos e das comunidades é essencial para combater e diminuir a violência no contexto escolar.

Fante (2005, cit. por Barros, 2012, p. 50) diz:

Diante do exposto, torna-se importante que os profissionais de educação, sejam professores, funcionários e outros, reflitam sobre a questão da violência na escola, e que a educação seja o caminho que podemos utilizar para transformar uma sociedade agressiva e violenta em uma sociedade mais justa, solidária e feliz.

Podem ser dados também pequenos passos através de uma presença mais regular perante os alunos, isto é, uma visibilidade mais notória em locais que apresentem à partida maior risco de agressões, como os corredores da escola, os campos de jogos, os recreios, etc. (Hill & Hill, 1994). Por outro lado, “deve-se incentivar os jovens e os demais adultos, docentes e não docentes na promoção de um clima de escola que condene e considere intoleráveis quaisquer tipos de condutas de agressividade” (Feinberg, 2003, p. 10, cit. por Sá, 2012, p. 118).

4.4. Comunidade, pais e encarregados de educação na estratégia disciplinar

Os casos de indisciplina escolar têm-se mostrado um problema de responsabilidade de toda a comunidade escolar. É de extrema importância a atenção que deve ser dada a essa questão, devido ao aumento contínuo do fenómeno em escolas públicas e privadas. Este processo requer meses ou mesmo anos de trabalho coletivo, por isso deve-se criar grupos de trabalho responsáveis por avaliar, planear e implementar projetos escolares e sócio-familiares de promoção das atitudes cívicas e pró-sociais (Garcia, 1999).

“O processo de intervenção nas escolas é complexo e deve envolver toda a comunidade educativa e deve estar definido no Projeto Educativo, visando programar uma identidade própria numa instituição” (Pereira, 2002, p. 173, cit. por Barros, 2012, p. 60). Assim, as medidas para a prevenção e combate a violência não devem ser planeadas individualmente, mas em toda a escola como instituição. Desta forma, deve reconhecer-se a família como primeira instituição responsável pela formação do indivíduo, família integrada num contexto histórico, sócio-económico e cultural.

PARTE II
ESTUDO EMPÍRICO

5. METODOLOGIA

5.1. Definição do problema e dos objetivos de investigação

A nossa investigação aborda a violência interpessoal em contexto escolar sob o prisma da relação entre agressores e vítimas, sendo que o problema em análise concerne, mais exatamente, as consequências educativas desse fenómeno. Interrogamo-nos, portanto, pelos tipos de violência que se manifestam em contexto escolar e pelos seus efeitos.

O objetivo geral desta investigação consiste em elucidar quais as formas de violência interpessoal predominantes entre adolescentes em contexto escolar e qual o seu impacto nos estudantes envolvidos, tendo como horizonte a otimização qualitativa do processo de ensino-aprendizagem.

Os objetivos específicos podem elencar-se da seguinte forma:

- Conhecer e distinguir quais os tipos de comportamentos de violência que acontecem no contexto escolar, registando os locais e as horas mais frequentes das suas ocorrências;
- Caracterizar o perfil “típico” do agressor e da vítima, incluindo variáveis como género, idade, estrutura familiar e trajetória escolar;
- Identificar os efeitos mais significativos da violência no processo de ensino-aprendizagem, analisando as trajetórias escolares de agressores e das vítimas;
- Compreender o significado subjetivo das experiências de violência interpessoal vividas no meio escolar, distinguindo as representações de agressores, vítimas e testemunhas;
- Analisar as perceções dos professores relativamente aos comportamentos de violência e o seu possível impacto na relação pedagógica com agressores e vítimas;
- Comparar os tipos de indisciplina escolar identificados por professores com experiências didáticas diferentes (nomeadamente em função das matérias e das classes lecionadas) e por alunos com experiências escolares diferentes (nomeadamente, em função da idade, sexo, classe e sucesso escolar);

- Compreender a história da vida dos estudantes indisciplinados e a sua relação com a Instituição escolar a fim de analisar o contexto e o significado dos seus comportamentos.

5.2. Plano de investigação

O plano de investigação é de tipo misto, no sentido em que articula recolha e análise de dados qualitativos e quantitativos. Contudo, dada a natureza dos objetivos acima elencados, a dimensão qualitativa assume uma importância fundamental. Com efeito, a focalização no contexto ou ambiente real, o caráter descritivo do estudo, o primado do processo sobre o resultado, a predominância de raciocínio analítico indutivo e a sensibilidade interpretativa do significado subjetivo da experiência vivida são características distintivas da investigação qualitativa (Bodgan & Biklen, 2013, pp. 47-51) que se encontram presentes, pelo menos parcialmente, na nossa pesquisa.

5.3. Amostra

Amostra é o subconjunto representativo e positivo que se extrai da população e foi composta por 120 alunos escolhidos das quatro turmas, duas do período da manhã e outras duas do período de tarde do ano de 2014 que corresponde a 57,6% da população, 28 professores que corresponde a 100% da população.

O tipo de amostragem foi não probabilístico para os professores e probabilístico para os alunos, pois foram escolhidos ao acaso. Nesta perspetiva, o critério usado foi aleatório simples para os alunos e dirigida ou intencional para os professores.

População é conjunto finito ou infinito de elementos com caracteres comuns para as quais são extensivas as conclusões da investigação, a mesma esteve composta de 208 alunos, divididos em 4 (quatro) turmas da 10ª classe da escola do Instituto de Ciências Religiosas de Angola, que corresponde a 100%; 28 professores da escola em referência que também corresponde a 100%. A população para a presente investigação é composta por 28 professores que leccionam nas quatro turmas da 10ª classes do período da manhã e no período de tarde; 9 membros da direção (nomeadamente: 1 Diretor, 2 Subdiretores, 2 coordenadores de turnos e 4 coordenadores de turmas); 208 alunos da 10ª classe (10.1; 10.2; 10.3 e 10.4) distribuídos em quatro turmas, duas no período da

manhã e duas no período de tarde, onde segundo as informações prestadas pela Direção da escola, estas são aquelas em que mais predominam atos de violência.

5.3.1. Caracterização sociodemográfica da amostra de alunos

O nosso universo de estudo é constituído por uma população de 208 (duzentos e oito) alunos regulares da 10ª classe da escola do IIº ciclo do ensino secundário do ICRA (Instituto de Ciências Religiosas de Angola) no Huambo, no qual extraímos uma amostra de 120 (cento e vinte) alunos, selecionados de forma aleatória. A amostra corresponde a 57,6% do universo.

Deste número, 65 (sessenta e cinco) são do sexo masculino e 55 (cinquenta e cinco) são do sexo feminino. A idade mínima dos alunos é de 14 (catorze) anos e máxima de 18 (dezoito) anos, tendo uma média de 16 anos e um desvio-padrão de 1,41. Estes alunos são provenientes de todos os estratos sociais e de diversas crenças religiosas. Ainda é de realçar que há mais alunos do sexo masculino do que do sexo feminino.

Tabela nº 1. Distribuição da amostra dos alunos por idade, classe e sexo.

IDADE	CLASSE	SEXO			Percentagem
		MASC.	FEM.	TOTAL	
14 Anos	10ª	8	4	12	10%
15 Anos	10ª	12	8	20	16,6%
16 Anos	10ª	25	20	45	37,5%
17 Anos	10ª	10	15	25	20,8%
18 Anos	10ª	10	8	18	15%
TOTAL		65	55	120	100%

5.3.2. Caracterização sociodemográfica da amostra de professores

Tabela nº 2. A amostra de professores segundo as habilitações literárias e o sexo

Hab. Literárias	Sexo			Percentagem
	M	F	Total	
Bacharéis	8	1	9	32,1%
Licenciados	12	7	19	67,8%
Total	20	8	28	100%

Esta tabela representa o número de professores com que se trabalhou, distribuídos segundo as habilitações literárias, sexo e percentagem.

5.3.3. Caracterização da amostra dos professores segundo as áreas científicas

Tabela nº 3. A amostra dos professores segundo as habilitações literárias e as suas áreas científicas de formação

Habilit. Literárias	Psicologia		Biologia		Matemática		Física		Geografia		História		Química		Linguística		TOTAL
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F			
Bacharéis	0	0	2	0	0	0	0	0	4	0	1	0	0	1	1	0	9
Licenciados	0	2	3	2	4	2	3	0	0	2	0	0	1	0	0	0	19

Esta tabela representa o número de professores com que se trabalhou, distribuídos segundo as suas áreas científicas de formação, em função das suas habilitações literárias.

5.3.4. Caracterização da instituição escolar

Esta pesquisa foi realizada na escola do IIº ciclo do ensino secundário do ICRA (Instituto de Ciências Religiosas de Angola), localizada na zona da cidade alta, no seminário propedêutico São João Evangelista, aproximadamente a 50 metros da estrada principal que liga a Avenida da República e o bairro de S. Luis, bairro Kapango. É uma

escola missionária pertencente à igreja católica, subvencionada pelo governo, foi criada pelo decreto N° 01/2005, de 8 de Dezembro de 2005. O ICRA Regional do Huambo está a funcionar no espaço do seminário propedêutico, estando a decorrer a construção da escola do ICRA do Huambo, localizada no bairro de Santo António no Município sede. O ICRA oferece dois cursos: forma fundamentalmente professores de Educação Moral e Cívica e o curso de Educadores Sociais que forma técnicos para assuntos de ordem social.

As suas infra-estruturas comportam 14 turmas que funcionam em dois períodos, isto é, manhã e tarde, 4 gabinetes, uma sala de professores, 1 secretaria, 1 casa de banho. Funciona com a 10^a, 11^a, 12^a e 13^a classes. É dirigida por um Director coadjuvado por uma subdirectora pedagógica, uma subdirectora Administrativa e pelo chefe dos Recursos humanos. A escola conta com 60 professores, sendo 30 do sexo feminino. Possui 1 (um) Doutorado; 1 (um) Pós-Graduado; 38 (trinta e oito) licenciados; 18 (dezoito) Bacharéis e 2 (dois) técnicos médios. No ano letivo de 2014, foram matriculados 975 alunos sendo 509 femininos.

Tabela nº 4. Estudantes do curso de educação moral e cívica por classe, idade e sexo

Classe	Idade	M	F	Total
10^a	14 anos	30	25	55
	15 anos	23	27	50
	17 anos	40	50	90
	18 anos	20	18	38
	20 anos	11	11	22
	Total	124	131	255
11^a	15 anos	9	14	23
	17 anos	11	16	27
	18 anos	10	17	27
	20 anos	13	18	31
	22 anos	6	14	20
	25 anos	5	8	13
	Total	54	87	141

12^a	18 anos	14	13	27
	20 anos	10	11	21
	22 anos	12	10	22
	25 anos	13	12	25
	28 anos	8	9	17
	Total	57	55	112
13^a	20 anos	12	13	25
	22 anos	12	14	26
	25 anos	9	13	22
	35 anos	3	2	5
	Total	36	42	78
Total Geral		271	315	586

Esta tabela representa o número total de alunos da Instituição no curso de Educação Moral e Cívica. De realçar que este curso tem a idade mínima de 14 anos e a máxima de 35 anos. A maioria dos estudantes deste curso é do sexo feminino, com uma percentagem de 53,7%.

Tabela nº 5. Estudantes do curso de educadores sociais por classe, idade e sexo.

Classe	Idade	M	F	Total
10^a	16 anos	30	25	55
	17 anos	27	20	47
	18 anos	23	20	43
	Total	80	65	145
11^a	17 anos	20	19	39
	18 anos	15	20	35
	19 anos	15	17	32
	20 anos	11	13	24
	total	61	69	130

12^a	19 anos	8	10	18
	20 anos	7	8	15
	23 anos	6	8	14
	24 anos	3	5	8
	Total	24	31	55
13^a	20 anos	10	11	21
	22 anos	11	10	21
	25 anos	5	6	11
	30 anos	4	2	6
	Total	30	29	59
Total geral		195	194	389

Esta tabela representa o número total de alunos da Instituição do curso de educadores sociais. De realçar que este curso tem a idade mínima de 16 anos e a máxima de 30 anos. A maioria dos estudantes deste curso é do sexo masculino, com uma percentagem de 50,1%.

Tabela nº 6. Dados conjuntos dos dois cursos (educação moral e cívica e educadores sociais)

Classe	Sexo		
	M	F	Total
10 ^a	204	196	400
11 ^a	115	156	271
12 ^a	81	86	167
13 ^a	66	71	137
Total	466	509	975

Esta tabela representa o número total de alunos da Instituição. De salientar que o maior número dos alunos é do sexo feminino, com uma percentagem de 52,2%. Estes alunos são provenientes de todos os estratos sociais e de diversas crenças religiosas.

Tabela nº 7. Professores da instituição por habilitações literárias e sexo

Nº de turmas	Nº de Profs.	Tec. Médios		Bacharéis			Licenc.			Pós-Grad.		MA's	PhDs	
		M	F	M	F	Total	M	F	Total	M	F		M	F
14	60	1	1	12	6	18	15	23	38	1	0	0	1	0

Tabela nº 8. Professores da instituição segundo as áreas científicas de formação e os graus académicos.

Hab. Literárias	Psicologia			Biologia			Matemática			Física			Filosofia		
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total
Tec. Médios	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Bacharéis	2	1	3	2	2	4	2	2	4	0	1	1	0	0	0
Licenciados	2	4	6	2	4	6	3	2	5	3	4	7	5	0	5
Pós-Grad.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mestres	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Phd.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1

Hab. Literárias	Geografia			História			Ciências de Educ.		
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total
Tec. Médios	0	1	1	1	0	1	0	0	0
Bachareis	4	0	4	2	0	2	0	0	0
Licenciados	0	6	6	0	3	3	0	0	0
Pós-Graduados	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Mestres	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Phd.	0	0	0	0	0	0	0	0	0

5.4. Instrumentos

Para coleta de dados, utilizamos como instrumentos os seguintes:

- Escala de Disrupção Escolar Professada (EDEP, Veiga, 2006) pelos alunos menores de 18 anos (ver Anexo 2);
- Questionário Sociodemográfico para Estudantes (ver Anexo 3);
- Questionário: “Indisciplina escolar: Experiências vividas por alunos” (Anexo 4);
- Guião de entrevista narrativa para adolescentes (ver Anexo 5);
- Questionário Sociodemográfico para Professores (ver Anexo 6);
- Escala de Disrupção Escolar Inferida (EDEI) pelos professores (Veiga, 2006) (ver Anexo 6);
- Questionário: “Indisciplina escolar: Experiências vividas por professores” (Anexo 7);
- Grelha de observação de indisciplina escolar (ver Anexo 8).

5.4.1. Questionários para estudantes e professores

Objetivos específicos:

- Comparar os tipos de indisciplina escolar identificados por professores com experiências didáticas diferentes (nomeadamente, em função das matérias e das classes lecionadas);
- Comparar os tipos de indisciplina escolar identificados por alunos com experiências escolares diferentes (nomeadamente, em função da idade, sexo, classe e sucesso escolar)
- Compreender a história de vida dos estudantes indisciplinados e a sua relação com a instituição escolar a fim de analisar o contexto e o significado dos seus comportamentos.

5.4.2. Escala de Disrupção Escolar Professada (EDEP) pelos Alunos e Escala de Disrupção Escolar Inferida (EDEI) pelos Professores (Veiga, 2006)

Segundo Veiga (2006, p. 102), a Escala ou Disrupção Escolar é:

Um instrumento de avaliação sem significado de competição, êxito ou fracasso; um instrumento que visa avaliar os comportamentos dos alunos que transgridem as regras escolares, que perturbam ou interferem seriamente com o ambiente ou com a aprendizagem escolares; isto porque são os professores que descrevem o comportamento dos alunos.

Portanto, trata-se de um instrumento que serve para avaliar os comportamentos e as competências sociais dos alunos na escola (Veiga, 2006). Daí a razão da escolha e da utilização desta Escala.

5.4.3. Grelha de observação comportamental

“Constitui um método de recolha de informação acerca do objecto a ser estudado utilizando como via fundamental a percepção, que permite ao investigador um reflexo imediato e directo da realidade que lhe interessa indagar” (Baptista, 2003, p. 20). Ainda este método consiste na percepção racional, atenta e sistemática dos fenómenos relacionados com objetivos da pesquisa em seu estado natural (Afonso, 2003).

Usou-se esta grelha de observação numa vertente natural e de forma sistemática, com o objetivo de permitir inteirar-se das manifestações de violência e indisciplina por parte de alguns alunos da escola do ICRA, saber em que momentos e locais se realizam esses atos. Saber o porquê de alguns alunos chegam tarde a escola; quais são as brincadeiras que os alunos mais fazem nos tempos de recreio e saber, sobretudo, se a sala de aula sem o professor é um lugar de cometimento de indisciplina ou não. Enfim, com a grelha nós observamos todo tipo de comportamento dos alunos como também dos professores.

5.4.4. Questionários sobre “Indisciplina escolar: experiências vividas” por alunos e por professores

Este questionário tem como objetivo saber dos alunos e dos professores os episódios de violência ou de indisciplina que verificaram ou viveram na sua carreira de professor ou

na carreira estudantil. Saber como é que se sentiram e como procuraram resolver as situações de indisciplina perante os alunos (no caso de professores) e saber dos alunos qual seria a melhor forma dos professores agirem perante a indisciplina dos alunos.

Através deste questionário, procurou-se saber por meio dos professores quais são as causas principais da indisciplina e quais são as estratégias que os mesmos devem usar para preveni-los. Através dos alunos, com este questionário procurou-se saber se alguns alunos já foram vítimas de alguma violência. No caso de terem sido vítimas de alguma violência, pretende-se compreender o impacto que teve na sua vida. Este foi o objetivo de utilizarmos este questionário sobre “Indisciplina escolar: Experiências vividas” por professores e alunos.

5.4.5. Guião de Entrevista Narrativa para Adolescentes

Para Simons et al. (2002, p. 49),

Entrevista é uma técnica de interrogação onde ocorre uma conversação planificada com o sujeito entrevistado, baseado principalmente pela presença directa do investigador, que interroga pessoalmente, dirigido a fins conscientes para a obtenção de informações e a orientação das pessoas entrevistadas.

O objetivo da entrevista consiste em compreender como funciona a indisciplina na escola. Saber do professor e do aluno o que realmente sentem e pensam sobre a sua experiência de vida, isto nos momentos felizes da vida na escola e também falar dos momentos difíceis e tristes que já tiveram na escola. Através da entrevista, o aluno ou o professor vai-nos dizer como é que ultrapassou as dificuldades ou os constrangimentos que foram acontecendo na escola. Igualmente, procurou-se saber do aluno se a escola era importante para o seu futuro ou não, visto que a escola muda os comportamentos dos alunos que serão o futuro da sociedade.

5.4.6. Procedimentos

Para este trabalho os procedimentos foram da seguinte maneira:

1º Fez-se uma solicitação à Direção da escola supracitada (ver Anexo 1) para se puder trabalhar e não pôr impedimentos na realização da recolha de informações tanto para os alunos como para professores;

2º Todos os participantes colaboraram de forma livre e voluntária, depois de conhecerem e aceitarem os objetivos da pesquisa, nos termos do Consentimento Informado (ver Anexos 2, 3 e 6), que garantia o total anonimato e confidencialidade das respostas;

3º Os inquéritos foram anónimos, comprometendo-se o autor a guardar sigilo quanto à identidade dos participantes;

4º Os membros da Direção da escola e os professores participantes no inquérito tomaram antecipadamente o contato com os objetivos da pesquisa e de forma livre aceitaram colaborar.

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1. DISRUPÇÃO ESCOLAR PROFESSADA (EDEP) PELOS ALUNOS

Tabela nº 9. Resultados da escala de disrupção escolar professada (edep) pelos alunos, segundo o sexo.

ITENS	MÉDIA		DESVIO-PADRÃO		% DESACORDO		% ACORDO		QUI-QUADRADO: SIG.	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
01	1,62	1,25	0,10	0,97	96,6	96,6	3	3	0,01	0,94
02	2,18	1,31	0,78	0,62	99,9	99,9	0	0	0,60	0,38
03	1,43	1,81	0,75	0,62	39,9	39,9	59,9	59,9	0,56	0,38
04	1,87	1,37	0,18	0,35	52,6	52,6	46,6	46,6	0,03	0,12
05	4,06	3,43	0,60	0,26	50,6	49,4	0	0	0,25	0,01
06	1,87	1,37	0,18	0,35	73,2	73,2	26,5	26,5	0,03	0,12
07	2,25	1,25	0,89	0,97	99,9	99,9	0	0	0,79	0,94
08	1,75	1,5	0,30	0,39	63,2	63,2	36,5	36,5	0,09	0,15
09	1,93	1,31	0,13	0,06	83,3	83,3	16,5	16,5	0,01	0,36
10	1,81	1,43	0,24	0,01	83,3	83,3	16,6	16,6	0,05	0,01
11	1,06	1,43	0,05	0,01	93,3	93,3	6,6	6,6	0,25	0,01
12	1,75	1,5	0,03	0,64	56,5	56,5	43,3	43,3	0,09	0,40
13	1,18	1,31	0,01	0,06	93,2	93,2	6,6	6,6	0,18	0,39
14	1,06	1,18	0,05	0,14	53,3	53,3	46,6	46,6	0,25	0,01
15	1,93	1,31	0,13	0,06	73,3	73,3	26,6	26,6	0,01	0,36
16	1,12	1,12	0,32	0,11	83,2	83,2	16,6	16,6	0,10	0,01

Tabela nº 10. Resultados simplificados da escala de disrupção escolar professada (edep) pelos alunos

ITENS	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO	% DESACORDO	% ACORDO	QUI-QUADRADO: SIG.
01	1,87	0,20	96,6	3	0,02
02	2,5	0,84	99,9	0	0,61
03	1,25	0,81	39,9	59,9	0,56
04	1,25	0,21	52,6	46,6	0,70
05	1,25	0,21	99,9	0	0,81
06	1,25	0,21	73,2	26,5	0,03
07	2,5	0,99	99,9	0	0,81
08	1,25	0,31	63,2	36,5	0,09
09	1,25	0,19	83,3	16,5	0,02
10	1,25	0,25	83,3	16,6	0,05
11	1,5	0,07	93,3	6,6	0,00
12	1,25	0,68	56,5	43,3	0,41
13	1,5	0,07	93,2	6,6	0,00
14	1,25	0,19	53,3	46,6	0,02
15	1,25	0,19	73,3	26,6	0,02
16	1,25	0,14	83,2	16,6	0,01

Esta tabela sintetiza e simplifica os dados principais, agrupando os dados obtidos pelos alunos de ambos os sexos.

Tabela nº 11. Resultados do fator 1: distração – transgressão/ dt

	ITENS	Média	Desvio-padrão
13	Faltam às aulas por desinteresse	1,25	0,44
14	Estão distraídos nas aulas.	1,12	0,56
12	São pontuais a chegar às aulas	1,6	0,45
9	Esquecem-se de trazer material para as aulas	1,6	0,56
4	Falam sem autorização, perturbando as aulas	1,57	0,56
8	Saem do lugar, fazem barulho e outros distúrbios, perturbando a aula.	1,6	0,04
	Total	1,46	0,41

Tabela n 12. Resultados do fator 2: agressão aos colegas

	ITENS	Média	Desvio-padrão
2	Agridem fisicamente os colegas.	1,75	0,03
3	São obedientes aos Professores.	1,62	0,49
15	Agridem verbalmente os colegas	1,25	0,49
1	Destroem ou estragam intencionalmente o material da escola.	1,61	0,25
16	Ameaçam as pessoas na escola.	1,12	0,49
	Total	1,47	0,4

Tabela nº 13. Resultados do fator 3: agressão à autoridade – aa

	ITENS	Média	Desvio-padrão
5	Agridem fisicamente os Professores.	3,72	1,01
7	Vêm bêbados ou drogados para a escola	1,75	0,01
6	Dizem palavrões na aula.	1,57	0,01
11	Agridem verbalmente os professores.	1,25	0,36
10	Roubam coisas na escola.	1,63	0,01
	Total	1,98	0,4

TABELA N ° 14. Resultados dos fatores da edei – 2006

FATORES	Média	Desvio-padrão
Distracção - transgressão	1,46	0,04
Agressão aos colegas	1,57	0,06
Agressão à autoridade	1,98	0,96
Disrupção total	1,63	0,06

6.2. Indisciplina Escolar: Experiências vividas pelos alunos

Foi submetido este breve questionário que podemos chamar de “Indisciplina Escolar: Experiências vividas por alunos”, a 120 estudantes, com as idades compreendidas entre 14 a 18 anos, dos quais 65 (sessenta e cinco) são do sexo masculino o que corresponde a 54,1% e 55 (cinquenta e cinco) são do sexo feminino, o que corresponde a 45,8%.

6.2.1. Episódios de indisciplina vividos

Os alunos foram unânimes em afirmar que “na escola existem vários tipos de violência, de entre elas a violência física e verbal”. O episódio mais grave que os alunos

consideraram foi o de “agressão aos professores, sobretudo nas escolas do 1º ciclo por onde passaram”. Também consideraram de graves os seguintes tipos de indisciplina: “os roubos na escola dos livros de sumário; de telefones e de outros objetos da escola ou dos colegas; abortar nas casas de banho da escola; a desobediência exagerada aos professores; as agressões verbais aos professores e aos colegas; atentado de homicídio entre alunos pelo uso de arma branca; o facto de alguns alunos aparecerem bêbados ou drogados na escola, conversar durante as aulas”.

6.2.2. Ações dos professores

Perante estas situações de indisciplina e de violência na escola, os alunos dizem que para a resolução de tais situações “os professores deviam ter em conta o seguinte: conversar ou dialogar com os alunos que cometem tais atos de indisciplina, mostrar-lhes a gravidade e as consequências desses atos. Se forem repetitivos devem chamar os pais e encarregados de educação para juntos tomarem decisões que ajudam a ultrapassar esses maus comportamentos”.

6.2.3. Causas de indisciplina e estratégias preventivas

Quanto às causas principais da indisciplina dos alunos, os mesmos alunos afirmam “que as causas principais são várias como, por exemplo, a má educação em casa dos familiares; o mau comportamento de alguns professores em não respeitar os alunos; a frustração dos próprios alunos; as drogas; o alcoolismo; a vaidade; a ilusão em imitar as novelas e filmes na televisão e ainda quando na família há problemas como é o caso do divórcio dos pais”.

Quanto à prevenção, os alunos dizem que “em primeiro lugar deve se dar a conhecer aos alunos o regulamento interno da escola, dialogar com os alunos e avisá-los para que saibam o que devem fazer e o que devem evitar na escola”. A escola necessita de um professor bem preparado em todos os aspetos. Ele deve estar em condições de contribuir oportunamente para a prevenção da indisciplina. O professor deve preparar-se bem para que, durante a direcção do processo docente educativo, crie uma disposição positiva nos seus alunos para a vida em sociedade, ajudando-os a encontrar soluções corretas em conjunto que permitam a sua formação.

6.3. Resultados da Escala de Disrupção Escolar Inferida (EDEI) pelos professores

TABELA N ° 15. Resultados da escala de disrupção escolar inferida (edei) pelos professores

ITENS	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO	% DESACORDO	% ACORDO	QUI-QUADRADO: SIG.
01	4,6	0,78	99,9	0	0,61
02	4,6	0,78	99,8	0	0,61
03	4,6	0,78	28,5	71,3	0,61
04	2,8	4,32	64,2	35,6	18,71
05	4,6	4,24	99,9	0	0,61
06	4,6	0,78	99,6	0	0,61
07	3,5	1,94	92,7	7,1	3,62
08	3,5	1,94	92,7	7,1	3,62
09	2,8	4,32	85,5	14,2	18,71
10	3,5	1,94	92,7	7,1	3,62
11	4,6	0,78	92,7	7,1	0,61
12	3,5	1,94	85,5	14,2	3,62
13	3,5	1,94	92,7	7,1	3,62
14	4,6	0,78	92,8	7,1	0,61
15	2,8	4,32	78,1	21,3	18,71
16	4,6	0,78	92,1	7,1	0,61

TABELA N° 16. Resultados do fator 1: distração – transgressão/ dt

	ITENS	Média	Desvio-padrão
13	Faltam às aulas por desinteresse	3,5	2,78
14	Estão distraídos nas aulas.	4,6	0,10
12	São pontuais a chegar às aulas	3,5	2,01
9	Esquecem-se de trazer material para as aulas	2,8	4
4	Falam sem autorização, perturbando as aulas	2,8	2,75
8	Saem do lugar, fazem barulho e outros distúrbios, perturbando a aula.	3,5	0,11
	Total	3,45	2,45

TABELA N° 17. Resultados do fator 2: agressão aos colegas

	ITENS	Média	Desvio-padrão
2	Agridem fisicamente os colegas.	4,6	0,36
3	São obedientes aos Professores.	4,66	1,58
15	Agridem verbalmente os colegas	2,8	0,70
1	Destroem ou estragam intencionalmente o material da escola.	4,6	0,04
16	Ameaçam as pessoas na escola.	4,6	2,19
	Total	4,25	1,27

TABELA Nº 18. Resultados do fator 3: agressão à autoridade – aa

	ITENS	Média	Desvio-padrão
5	Agridem fisicamente os Professores.	4,6	1,21
7	Vêm bêbados ou drogados para a escola	3,5	0,68
6	Dizem palavrões na aula.	4,6	0,25
11	Agridem verbalmente os professores.	4,6	2,49
10	Roubam coisas na escola.	3,5	0,64
	Total	4,16	1,27

TABELA Nº 19. Resultados dos fatores da edei

	FATORES	Média	Desvio-padrão
1	Distração – transgressão	3,45	2,45
2	Agressão aos colegas	3,45	1,27
3	Agressão à autoridade	4,16	1,27
	Disrupção total	3,69	1,3

6.4. Indisciplina Escolar: Experiências Vividas pelos professores

Foi submetido este breve questionário que podemos chamar de “Indisciplina Escolar: Experiências vividas por Professores”, a um grupo de 28 professores, dos quais 19 (dezanove) são do sexo masculino o que corresponde a 67,8% e 9 (nove) são do sexo feminino, o que corresponde a 32,1%.

6.4.1. Episódios vividos

Os professores são unânimes em afirmar que “existe agressão verbal e psicológica na escola por parte dos alunos entre eles e para com os professores, há desprezo de alguns alunos para com os professores; alguns alunos aparecem bêbados ou drogados nas aulas e até nas provas”.

6.4.2. Ações dos professores

Perante a indisciplina dos alunos os professores são de opinião de que “em primeiro lugar tem de se saber a natureza da indisciplina cometida”. Só com este diagnóstico, é que poderão atuar de uma forma pedagógica para ajudar o aluno. “Porque às vezes as atuações de alguns professores não ajudam em nada na formação e crescimento da personalidade dos alunos”.

Outros professores defendem que “deve existir uma estreita cooperação entre professores e encarregados de educação para a resolução de certos problemas, pois, só assim é que terão resultados positivos, visto que a educação de uma pessoa começa em casa e completa-se na escola”. Por isso, continuam ainda os professores dizendo que “os pais e encarregados de educação devem apostar muito na educação dos seus filhos”. Deve existir um maior envolvimento da família na tomada das decisões da escola, para que caminhem juntos (professores e pais/ou encarregados de educação) na resolução dos conflitos dos estudantes.

6.4.3. Causas da indisciplina e estratégias preventivas

Quanto às causas principais da indisciplina dos alunos, os professores concordam todos em dizer que “muitos alunos vão à escola por imposição dos pais ou de outras pessoas, não querem estudar, por isso, cometem comportamentos inadequados”; outros professores alegam a “questão da cultura de cada região, dos bairros de onde são oriundos; as más companhias; o excesso de alunos nas turmas e ainda da interpretação inadequada e inoportuna da globalização (novelas, filmes de guerra e pornográficos)”.

Quanto à prevenção, os professores optam em primeiro lugar em “esclarecer o regulamento interno da escola aos alunos e depois o diálogo que os professores devem

ter com os mesmos alunos, com os pais e encarregados de educação, para solucionarem ou mudarem alguns comportamentos que são negativos e que prejudicam o bom ambiente que a escola deve ter”.

6.5. Análise dos resultados da observação comportamental

Com o objetivo de observar o comportamento dos alunos na escola assim como a atuação dos professores em relação à violência, foram efetuadas 11 visitas nas turmas da 10ª classe, concretamente na turma 10.1 (5 visitas e na turma 10.4 (6 visitas) e observou-se diferentes atividades no processo de ensino-aprendizagem, em distintos dias da semana e em horário variado.

A turma 10.1 é do período da manhã e é composta por 45 alunos, sendo 20 alunos são do sexo masculino o que corresponde a 44,4% e 25 alunos são do sexo feminino, o que corresponde a 55,5%. Os alunos entravam às 7h 30 minutos e saíam às 12h30 minutos.

A turma 10.4 é do período da tarde e é composta por 50 alunos sendo 30 alunos são do sexo masculino o que corresponde a 60% e 20 alunos são do sexo feminino o que corresponde a 40%. Os alunos entravam às 13 horas e saíam as 17h e 55 minutos.

Os atos de indisciplina observados foram os seguintes:

- Os alunos na escola, no decorrer da presente pesquisa, constatou-se que eles não são pontuais, tendo em conta que a hora de entrada tem sido às 7h e 30 minutos para o período da manhã e 13h para o período de tarde; infelizmente maior parte deles para a turma da manhã chegavam as 8h00 e outros as 8h e 30 minutos e para os do período da tarde chegavam as 13h e 40 minutos e outros ainda às 14h00.
- Nas turmas que observamos, constatou-se que mesmo durante as aulas, alguns estudantes faziam barrulho, conversavam durante as aulas, outros ainda faziam tarefas de outras disciplinas.

Nos intervalos alguns alunos maltratavam os outros concretamente com atos de violência verbal e psicológica, chamando nomes maldosos aos colegas, discriminando-os. De salientar que durante a nossa observação a indisciplina mais notada consiste em que alguns estudantes no caso de meninas apresentavam-se de roupas transparentes e/ou extravagantes, curtas, blusas de costas de fora, pintura berrante, e os rapazes com brincos, chapéus e cabelos pintados e/ou com tranças. Segundo o regulamento interno da escola, no seu artigo 1º e ponto nº 8, a esses alunos será vedado o acesso às aulas (ICRA, 2016). Assim os alunos que se apresentavam desta maneira eram obrigados a não assistirem as aulas e tinham que se retractar.

Assim, nas ações para a prevenção da violência na escola, observou-se que tanto os professores como os encarregados de educação têm muita vontade para que este fenómeno seja erradicado na sociedade tendo em conta os vários constrangimentos que tem causado para as famílias, na aprendizagem integral das crianças assim como para o desenvolvimento da sociedade em geral.

6.6. Entrevistas narrativas a adolescentes

O objetivo da entrevista é de analisar o fenómeno da indisciplina na escola. Saber do professor e do aluno o que realmente sente e pensa sobre a sua experiência de vida, isto nos momentos felizes da vida na escola e também falar dos momentos difíceis e tristes que já tiveram na escola e porquê? Através da entrevista, o aluno ou o professor vai-nos dizer como é que ultrapassou as dificuldades ou os constrangimentos que foram acontecendo na escola. Outrossim, procurou-se saber do aluno se a escola era importante para o seu futuro ou não, visto que é a escola que vai mudar os comportamentos dos alunos que serão o futuro da sociedade.

A entrevista foi feita a 10 (dez) alunos da 10ª classe do ICRA (Instituto de Ciências Religiosas de Angola) sendo 6 (seis) do sexo masculino, o que corresponde a 10% e 4 (quatro) do sexo feminino o que corresponde a 40%. O critério da escolha da amostra dos entrevistados é de que estes estudantes foram os mais destacados nas turmas por nós observadas. A idade mínima é de 14 anos e a máxima é de 18 anos. Todos vivem nos bairros periféricos da cidade.

Depois da entrevista chegou-se às seguintes conclusões:

- Segundo a entrevista, a vida dos entrevistados desde o nascimento até ao presente, não tem muitos problemas que poderíamos considerar de graves, isto tanto na família como na escola, pois, pela idade ainda muitos são adolescentes, quase que estão na fase inicial da vida.
- Quanto aos momentos tristes da sua vida, os estudantes afirmam “que já os tiveram nas famílias e, sobretudo, na escola e nas turmas, vendo alguns colegas a lutarem em plena sala de aula sem a presença do professor; vendo colegas a discutirem ciúmes na escola, isto nos recreios; vendo maus comportamentos e/ou criando distúrbios em plena aula com a presença do professor; vendo colegas a usar violência verbal aos professores; vendo colegas a roubarem coisas dos outros colegas e até livros de sumário, etc. Isto constitui momentos tristes na escola porque o ambiente escolar nestas circunstâncias é de indisciplina e de violência e não de ensino e aprendizagem. O que é totalmente reprovável”.
- Os alunos que apresentam esses atos de violência e indisciplina na escola são suspensos das aulas durante algum tempo, até que a direção da escola juntamente com os pais e/ou encarregados de educação resolvam os problemas. “Alguns alunos dizem mesmo que foram indisciplinados, horríveis, pois, não respeitavam ninguém, mas que hoje mudaram de comportamentos, isto graças à escola”.

Três estudantes do sexo masculino entrevistados e todos com a idade de 17 anos e dois do sexo feminino com a idade de 16 anos disseram-nos que “a escola e o estudo são importantes para o futuro dos alunos”. Segundo os entrevistados, eles consideram que a escola é um lugar de destaque onde se prepara um futuro melhor para eles e onde se adquirir “conhecimentos científicos, morais, culturais e espirituais e onde se dá a formação integral do aluno que será o homem do amanhã”. Afirmam ainda que é na escola onde se realiza mudanças de comportamentos nas suas vidas. Na escola eles “aprendem a discernir o que é bom e o que é mau”. É importante, por isso, que eles tenham consciência disto para que possam mudar de comportamentos.

Uma das estudantes afirma que “reprovou uma vez por indisciplina e, depois, apareceu um professor que lhe deu conselhos, encorajou-a e no outro ano passou de classe”. Até hoje, nunca mais reprovou. Isto lhe marcou muito e afirma nunca esquecer este ato tão importantíssimo que a escola lhe proporcionou na pessoa do professor.

Quanto ao futuro, todos os entrevistados dizem que “têm muitas e boas possibilidades para o futuro e isto só será possível se hoje encararem a escola como fonte dos seus projetos do futuro, pois, o futuro deles depende do conhecimento científico, moral, espiritual e cultural que aprenderem na escola”. A escola deve, por sua vez, inculcar neles valores morais e cívicos para a formação integral da sua personalidade e deve preparar o cidadão para as exigências que a sociedade impõe.

6.7. Convergências e divergências entre alunos e professores

Tendo em conta os pontos analisados, são notáveis algumas convergências e divergências de opiniões entre professores e alunos nas suas relações vividas com a violência e a indisciplina escolar. Assim, quanto às convergências salientamos as seguintes:

- a. Professores e alunos afirmam a existência de agressões físicas e verbais e psicológicas no seio da escola;
- b. Professores e alunos dizem que as principais causas da indisciplina e violência na escola são de entre muitas as drogas, o uso excessivo de bebidas alcoólicas que provoca perturbações mentais, a má interpretação da globalização, imitando novelas, filmes pornográficos ou de guerra e ainda o uso de facebook no decorrer das aulas, etc.
- c. Quanto à prevenção, professores e alunos optam em primeiro lugar pelo diálogo entre ambos. Ainda são unânimes em dizer que a direção da escola deve disponibilizar o regulamento interno da escola aos turnos e aos responsáveis de disciplina escolar e estes por sua vez devem fazer chegar o mesmo regulamento aos estudantes

Porém, professores e alunos divergem nos pontos seguintes:

- a. Os professores afirmam que os pais e/ou encarregados de educação devem saber o comportamento dos seus educandos, devem participar nas reuniões com os professores para juntos resolverem os problemas que dizem respeito a indisciplina dos seus educandos. Porém, os alunos não concordam com isto, eles pensam que isto é interferência nas suas vidas pessoais e cotidianas. Esta atitude dos alunos é reprovável.
- b. Os professores querem que se cumpra o regulamento escolar, sobretudo os pontos 9 e 10 que dizem: “Os alunos devem manter-se sempre na sala e em silêncio durante o tempo de aulas” (ICRA, 2011), e “enquanto se aguarda pelo(a) professor(a) e/ou quando este(a) está ausente, os alunos devem guardar silêncio e ler algumas coisas úteis para a sua formação” (ICRA, 2011). Isto não acontece por parte dos alunos. Estes preferem estar fora das salas de aulas e fazer o que bem entenderem.

7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da nossa investigação confirmaram que na escola pesquisada existe o fenómeno do *bullying*, manifestando-se nos seus diversos tipos. Assim, alinhamos com Olweus (1999) quando se refere ao fenómeno *bullying* que é um fenómeno que resulta da raiva das crianças ou dos adolescentes que explode no contexto escolar. Ainda a nossa investigação também vem confirmar a posição de Pereira (2001) de que o *bullying* “constitui um problema de forma séria para as crianças, professores, pais e/ou encarregados de educação, responsáveis pela educação e a comunidade em geral”.

Ainda nos alinhamos com os estudos feitos por Mynard e Joseph (2000) e por Serrate (2014) quando falavam dos tipos de *bullying* ou de agressão. No entanto, na escola pesquisada, identificaram-se os tipos mais frequentes do *bullying* que são os de forma direta, verbal, como por exemplo, chamar nomes ofensivos e isto acontece, sobretudo, para os rapazes, enquanto para as meninas acontece predominantemente de forma indireta, como, por exemplo, a difamação, comentários maldosos, etc.

Quanto às causas do *bullying* na escola por nós investigada através dos questionários feitos aos alunos e aos professores confirmou os estudos feitos por Carvalhosa et al. (2001), quando diziam que “alguns comportamentos surgiam por causa de um consumo exagerado e repetido de substâncias aditivas, tais como o tabaco, o álcool ou drogas”; e ainda por vezes que os alunos estejam inseridos em núcleos familiares problemáticos (com modelos educativos deficientes) (Azevedo, 2004; Veiga, 2001).

De igual modo, Pereira et al. (2009), Serrate (2014), Olweus (1993) afirmam que muitas crianças foram vítimas de outras crianças no contexto escolar. Desta forma, notamos no nosso trabalho que 70% dos estudantes entrevistados por nós confirmaram este facto. Essas crianças apresentavam insatisfação, fobia de ir à escola, perda de autoestima, medo e solidão.

O presente estudo confirma que o recreio foi o momento onde ocorreu o maior número de agressões entre os estudantes (Serrate, 2014; Barros, 2012; Scharp e Smith, 1995). Os alunos gostam do recreio e adoram-no, pois, é aí onde fazem o que quiserem. Também se notava episódios de indisciplina nos corredores, nas escadas e até nas salas de aulas na ausência do professor.

Por sua vez, Beane (2006) e Barros (2012) destacam algumas estratégias preventivas, que permitiram a redução significativa do *bullying* na escola, isto verificou-se também na escola pesquisada por nós, porque os lugares onde os estudantes praticavam atos de indisciplina ou do *bullying* eram vigiados pelos professores, chefes de turnos e outros funcionários afetos à comissão de indisciplina. Por isso, observou-se que os alunos que tinham intenções de indisciplina com os outros alunos mudaram de comportamentos e já não mexem com os outros.

CONCLUSÕES

O fenômeno da violência ou do *bullying* pesquisado é notável na escola onde fizemos o nosso estudo. Este fenômeno acontece só no contexto escolar e não se deixa confundir com outras formas de indisciplina, por isso o *bullying* apresenta características próprias e distintas.

No entanto, os fundamentos teóricos do presente trabalho permitem afirmar que a violência/*bullying* constitui um dos problemas mais preocupantes para todos, porquanto prejudica o crescimento e desenvolvimento da vítima, afetando o seu estado de saúde físico e mental.

A escola tudo tem feito para prevenir as manifestações de violência mediante a utilização de diferentes métodos de vigilância no recinto escolar pelo corpo diretivo da própria escola e outros métodos educativos, sendo o reforço da participação dos pais e/ou encarregados de educação para juntos unirem esforços que contribuam para a prevenção destes casos.

É também notável nos resultados dos questionários aplicados aos professores e alunos a existência de vários tipos do *bullying* na escola de entre eles a mais predominante é a violência verbal. Para os alunos, o tipo de agressão mais frequente é o de “chamar nomes e espalhar rumores” e que as principais causas da indisciplina e da violência na escola em referência se prendem com as más companhias, a falta de um bom relacionamento entre eles, no uso de álcool e drogas por parte dos alunos, ou pela má educação recebida em casa dos pais ou ainda a falta de valores familiares e pela obrigação dos pais aos seus filhos a frequentarem uma determinada escola sem o consentimento dos próprios filhos.

Nesta conformidade, em vista da prevenção e controlo do *bullying*, deve existir uma co-relação entre escola e a família e vice-versa. A família não deve nunca olhar para a escola como um lugar de abandono dos filhos, nem muito menos como instituição responsável pela educação e transformação dos filhos que ela gerou. E a escola não pode olhar para a família como se fosse a fonte de matéria-prima para o seu trabalho. A relação família-escola deve decorrer privilegiadamente num clima de cooperação, pois que a escola juntamente com a família detêm diversas atribuições na

formação integral do indivíduo para superar as dificuldades que vai encontrando num mundo de mudanças como o nosso.

Enfim, em função da situação problemática identificada, elaborou-se uma proposta baseada em estratégias que a escola, os professores, a comunidade os pais e encarregados de educação devem ter em conta para a prevenção das manifestações de indisciplina e de violência nos adolescentes da 10ª classe do ICRA (Instituto de Ciências Religiosas de Angola) no Huambo.

Destacaremos as recomendações seguintes:

1. Que a direção da escola coloque nos lugares mais afetados de atos de indisciplina e violência equipas de vigilância para evitar que alguns estudantes sofram o bullying exagerado, profundamente traumatizante e estigmatizante.
2. Que a direção da escola cumpra com rigor o artigo 1º no seu ponto nº 8 do regulamento interno onde faz constar que será vedado o acesso às aulas os alunos que se apresentarem de forma extravagante (ICRA, 2016); visto que, alguns estudantes, principalmente do sexo feminino apresentam-se de roupas transparentes, curtas, blusas de costas de fora, pinturas berrantes e alguns rapazes com brincos, chapéus e cabelos pintados e / ou com tranças. Do mesmo modo, recomendamos que, as suspensões de estudantes que cometem atos de indisciplina e de violência na escola continuem, para que os próprios alunos tenham ou adquiram uma consciência clara do seu mau comportamento e que a partir daí, tomem um compromisso de mudar de comportamento. E a resolução da suspensão deve sempre feita com a presença de pais e encarregados de educação para juntos (Direção da escola, professores e pais) poderem ajudar o aluno a mudar de comportamento.
3. À Direção da escola do II ciclo do ICRA (Instituto de Ciências Religiosas de Angola) no Huambo, que promova encontros trimestrais com os pais e encarregados de educação, comissão de pais e professores para acordos relativamente ao comportamento negativo dos alunos e a promoção de seminários, palestras e outros programas educativos com debates sobre o mesmo assunto a fim de lhes potenciar a reflexão através de atividades educativas e culturais que contribuirá na formação integral dos alunos.

4. Os professores que promovam o diálogo com os alunos a fim de proporcionar um clima agradável no seio escolar; velar pelos princípios pedagógicos e que sejam rigorosamente cumpridos e observados nas aulas, que tenham bom relacionamento com os alunos, tendo em conta as características individuais, embora as circunstâncias obriguem outro modo de proceder, preservando assim o perfil do professor, e que sejam professores modelos para que atinjam com o objetivo que é de ensinar e educar.
5. Que os resultados da presente investigação sirvam como base para guiar os professores e alunos da escola estudada para a identificação dos tipos de indisciplina e violência que existem na escola, suas causas, suas consequências no processo de ensino-aprendizagem e saber quais as estratégias a utilizar para prevenir tais situações.

Este trabalho não está acabado. Pois é carácter permanente a sua investigação, visando o melhoramento paulatino da disciplina escolar, erradicando o fenómeno do *bullying* nas escolas.

BIBLIOGRAFIA

- Abrapia, D. (2002). *A violência sexual* (4ª ed.). São Paulo.
- Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. (2005). *Violência de pais contra filhos: Procuram-se vítimas*. São Paulo: Cortez.
- Bandura, A. (1988) *Agression: A social learning analysis*. Englewood Cliffs, NY: Prentice-Hall.
- Barros, P. C. (2012). *Jogos e brincadeiras na escola: Prevenção do Bullying entre crianças no recreio*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho.
- Beane, A. (2006). *A sala de aula sem Bullying*. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Caldeira, S. (Coord) (2007). *(Des)ordem na escola: mitos e realidades*. Coimbra: Quarteto.
- Carvalhosa, S. (2010). *Prevenção da Violência e do Bullying em contexto escolar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coslin, P. (2009). *Psicologia do adolescente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Costa, E. & Vale, D. (1998). *A Violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Estrela, M. T. (1992). *Relação pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora.
- Fio, C. M. (2008). *Prevenir a violência. Um desafio para profissionais de saúde*. Rio de Janeiro: Ensp/Claves.
- Freud, S. (1915/1980). O Instinto e suas necessidades. In *Obras completas* (Vol. XIV. Ed. Standard Brasileira). Rio de Janeiro: Imago.
- Goldani, A., Costa, R. A., & Togatlin, M.A. (2010). *Desenvolvimento, emoção e relacionamento na escola: Contribuições da psicologia para a educação*. Rio de Janeiro: Editora E-papers.

- Henning, L.M.P. & Abbud, M.L. M (2010). *Violência, indisciplina e Educação*. SCIELO: - EDUEL.
- Lima, A.S. (2000). *O papel da escola na comunidade*. São Paulo: Artmed.
- Lorenz, K. (2002). *On Agression*. New York: Bantam.
- Marques, M, et al. (1998). *Violência contra criança e adolescente em busca de uma definição*. Rio de Janeiro: Vozes editoras.
- Melo S. A., & Costa, J. A. (1999). *Dicionário da língua portuguesa*. Porto: Dicionário Editora.
- Nações Unidas / UNICEF. (1990). *A Convenção sobre os direitos da Criança*. https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf
- Olweus, D. (2005). *Bullying at School: What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Parat-Dayan, S. (2012). *Como enfrentar a Indisciplina na escola*. Lisboa: Editora Contexto.
- Pereira, S. M, et al. (2001). Violência rima com adolescência? In Associação brasileira de enfermagem (Org.), *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília: Associação brasileira de enfermagem, Ministério da Saúde.
- Repetto, U. (1984). *A violência nas escolas*. Lisboa: Educadora.
- Sá, J. I. A. (2012). *Bullying nas escolas - prevenção e intervenção*. Tese de doutoramento. Universidade de Aveiro.
- Serrate, R. (2014). *Lidar com o bulling na escola: Guia para entender, prevenir e intervir no fenómeno da violência entre pares*. Lisboa: Bookout.
- Veiga, F. (2007). Avaliação da disrupção escolar dos alunos: novos elementos acerca das escalas EDEI e EDEP. In S. Caldeira (Coord.), *(Des)Ordem na Escola: Mitos e Realidades* (pp. 133-167). Coimbra: Quarteto.

ANEXOS

Anexo 1 - Pedido de Autorização

Handwritten signature and scribbles at the top left.

República de Angola

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

À

DIRECÇÃO DA ESCOLA DO II CÍCLO DO ENSINO SECUNDÁRIO "ICRA REGIONAL DO HUAMBO (INSTITUTO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS DE ANGOLA" DO HUAMBO)

=HUAMBO=

Data: 17. 03.015
Assunto: **Pedido de Autorização**

A Cesp- Formação Angola vem, por este, solicitar os vossos beneplácitos, no sentido de permitir a realização da componente prática do Mestrado, na vossa Instituição, em **Ciências da Educação** sob a orientação do professor Paulo Renatus Jesus (PhD) do Estudante **Rodrigues Wapanga**.

O trabalho visa avaliar ou pesquisar sobre o tema "violência na escola" pretendemos elucidar quais as formas de violência interpessoal predominante entre adolescentes em contexto escolar e qual o seu impacto nos estudantes envolvidos no processo tendo como horizonte a otimização qualitativa do processo de ensino-aprendizagem: **ESTUDO DE CASO**.

Para tal, solicitamos autorização para que se possam realizar entrevistas e inquéritos aos alunos, director, subdirector e professores que, voluntariamente, concordem em participar no estudo de investigação.

Certos de que considerará o nosso pedido, com a maior consideração, creiam-nos , sinceramente, agradecidos pela atenção disponibilizada.

Com os melhores cumprimentos,

Subscrevemo-nos

CESPU
Dr. Anastásio Vianeke
(Msc. Psic. Clínica e da Saúde)

Anexo 2. Questionário sociodemográfico para estudantes da 10ª classe

Anexo 2: Questionário sociodemográfico para estudantes da 10ª classe do Instituto de Ciências Religiosas de Angola (ICRA).

Consentimento Informado dos encarregados de educação dos estudantes menores de 18 anos

Declaro que compreendo os objetivos e o tema desta investigação e que o meu educando participa voluntariamente, aceitando que as suas respostas sejam incluídas nas publicações científicas dos investigadores.

Sim _____ Não _____

Questionário para estudantes

Ao responder a este questionário, está a participar numa investigação realizada por Rodrigues Wapanga, no âmbito da sua Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, realizado na Universidade Portucalense, visando estudar o fenómeno da indisciplina escolar. Os dados serão tratados de forma confidencial e anónima para salvaguardar a sua privacidade. Agradecemos desde já a sua colaboração.

Sexo: M F Idade: _____ Classe: _____ Escola: _____

Escolaridade do Pai: _____ Escolaridade da Mãe: _____

Profissão do Pai: _____ Profissão da Mãe: _____

Local de Residência: _____ N° de Irmãos/Irmãs (Idades): _____

Idade em que começou a estudar: _____ N° de Reprovações: _____

Objetivos específicos:

- Comparar os tipos de indisciplina escolar identificados por professores com experiências didáticas diferentes (nomeadamente, em função das matérias e das classes lecionadas)

- Comparar os tipos de indisciplina escolar identificados por alunos com experiências escolares diferentes (nomeadamente, em função da idade, sexo, classe e sucesso escolar)

- Compreender a história de vida dos estudantes indisciplinados e a sua relação com a instituição escolar a fim de analisar o contexto e o significado dos seus comportamentos.

1. Telesmiona de F. Mendes ; 2. Daniel Tchippilica;
3. Jeremias Catumbela ; 4. Leelito Gh de Sousa;
5. Elias U. Samonengue ; 6. Manuel S. Epalanga
7. Ana Louvambo José ; 8. Lulania G. Ghalanga

Anexo 3: Questionário sociodemográfico para estudantes da 10ª classe do Instituto de Ciências Religiosas de Angola (ICRA)

Consentimento Informado

Declaro que compreendo os objetivos e o tema desta investigação e que participo voluntariamente, aceitando que as minhas respostas sejam incluídas nas publicações científicas dos investigadores.

Sim _____ Não _____

Questionário para estudantes

Ao responder a este questionário, está a participar numa investigação realizada por Rodrigues Wapanga, no âmbito da sua Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, realizado na Universidade Portucalense, visando estudar o fenómeno da indisciplina escolar. Os dados serão tratados de forma confidencial e anónima para salvaguardar a sua privacidade. Agradecemos desde já a sua colaboração.

Sexo: M F Idade: _____ Classe: _____ Escola: _____

Escolaridade do Pai: _____ Escolaridade da Mãe: _____

Profissão do Pai: _____ Profissão da Mãe: _____

Local de Residência: _____ Nº de Irmãos/Irmãs (Idades): _____

Idade em que começou a estudar: _____ Nº de Reprovações: _____

ESCALA DE DISRUPÇÃO ESCOLAR INFERIDA (EDEI, Veiga, 2006, adaptado para estudantes por Paulo Jesus)

Para cada uma das 16 frases, pense no comportamento de indisciplina dos estudantes da sua escola e escreva, na coluna em branco, o número (de 1 a 6) que, no seu entender, corresponde à frequência desses comportamentos. Assim, para cada frase, escolha um nº de 1 (“Nunca acontece”) a 6 (“Acontece sempre”), conforme se especifica:

Nunca ou quase nunca acontece	Acontece raramente	Acontece poucas vezes	Acontece frequentemente	Acontece muitas vezes	Sempre ou quase sempre
1	2	3	4	5	6
Destroem ou estragam intencionalmente o material da escola.					
Agridem fisicamente os colegas.					
São obedientes aos Professores.					
Falam sem autorização, perturbando as aulas.					
Agridem fisicamente os Professores.					
Dizem palavrões na aula.					
Vêm bêbados ou drogados para a escola.					
Saem do lugar, fazem barulho e outros distúrbios, perturbando a aula.					
Esquecem-se de trazer material para as aulas.					
Roubam coisas na escola.					
Agridem verbalmente os professores.					
São pontuais a chegar às aulas.					
Faltam às aulas por desinteresse.					
Estão distraídos nas aulas.					
Agridem verbalmente os colegas.					
Ameaçam as pessoas na escola.					

ANEXO 4 – Questionário: “Indisciplina escolar: experiências vividas por alunos”

Descreva o episódio de indisciplina que considera ter sido o mais grave que já aconteceu na escola. Exponha o que aconteceu, o que pensou, sentiu e o modo como se resolveu a situação.

No seu entender, qual seria a melhor forma dos Professores agirem perante a indisciplina dos alunos? Porquê?

Segundo a sua opinião, quais serão as causas principais da indisciplina dos alunos? E como se poderia prevenir esse comportamento

ANEXO 5 - Entrevista Narrativa para Adolescentes

(adaptação da Life Story Interview de D. P. McAdams por Paulo Jesus)

Introdução

Obrigado(a) por ter aceite o convite para ser entrevistado(a). Gostaria de lhe colocar algumas questões sobre a sua vida pessoal e escolar. Como Professor e Investigador a realizar um Mestrado em Ciências da Educação, estou a procurar compreender como funciona a indisciplina na escola. Neste tipo de questões, não há respostas certas nem erradas, todas as respostas são igualmente verdadeiras se forem sinceras. O único objectivo importante é saber o que realmente pensa e sente sobre a sua experiência. Em relação a tudo o que disser, garanto, pela minha parte, que tudo será mantido em total confidencialidade. Se me autorizar publicar um estudo científico com alguns destes dados, o seu anonimato será sempre respeitado. [Autoriza: S ou N]

Creio que será muito interessante realizarmos esta entrevista. O que lhe parece? Tem alguma questão? Podemos começar?

A História da vida

Gostaria de lhe pedir para me contar a história da sua vida, desde o nascimento até ao presente, na família e na escola. [...resposta...]

Acontecimentos-chave

B.1: Ponto alto

Descreva, por favor, o acontecimento da sua vida que mais se destaca positivamente, ou seja, em que viveu algo de especialmente feliz, alegre, emocionante ou maravilhoso. Procure recordar-se dos pormenores: onde e quando foi, quem esteve consigo, o que sentiu e pensou? [...resposta...]

Explique por que considera esse momento como um exemplo de felicidade e diga qual foi o impacto que teve na sua vida. [...resposta...]

Qual o momento mais feliz que já viveu na Escola? Pode descrever o que aconteceu e explicar por que considera um momento feliz?

B.2: Ponto baixo

Gostaria que descrevesse também um acontecimento da sua vida que lhe parece ter sido muito infeliz. Procure recordar-se dos pormenores: onde e quando foi, quem esteve consigo, o que sentiu e pensou? [...resposta...]

Explique por que considera esse momento como um exemplo de grande infelicidade e diga qual foi o impacto que teve na sua vida. [...resposta...]

Qual o momento mais infeliz que já viveu na Escola? Pode descrever o que aconteceu e explicar por que considera um momento infeliz?

B.3: Ponto(s) de viragem

Ao recordar a sua vida passada, procure identificar o momento mais marcante de viragem ou de mudança, quer positiva quer negativa. Procure descrever detalhadamente o que aconteceu: onde e quando foi, quem esteve consigo, o que sentiu e pensou? [...resposta...]

Explique o que realmente mudou e qual foi o impacto de tal mudança na sua vida. [...resposta...]

Qual a maior mudança que já viveu na escola? Como se sentiu? Porquê? Qual o efeito que teve na sua vida? [...resposta...]

B.4: Memória de infância positiva

Descreva, por favor, a memória mais feliz da sua infância. Se for possível, identifique a memória feliz mais antiga de que se lembra. Recorde esse momento feliz com pormenor: onde e quando foi, quem esteve consigo, o que sentiu e pensou? [...resposta...]

Diga por que considera esse episódio feliz e qual foi o impacto que teve na sua vida. [...resposta...]

B.5: Memória de infância negativa

Descreva, por favor, a memória mais infeliz da sua infância: se possível, identifique a memória infeliz mais antiga de que se lembra. Talvez seja uma recordação que implique tristeza, medo, ou outra emoção negativa. Recorde esse momento infeliz com pormenor: onde e quando foi, quem esteve consigo, o que sentiu e pensou? [...resposta...]

Diga por que considera esse episódio infeliz e qual foi o impacto que teve na sua vida.

História Futura

C.1: O próximo capítulo: possibilidades e realidades futuras

Agora, vamos falar do futuro. Queria perguntar-lhe como imagina as várias possibilidades do seu futuro. [...resposta...]

Entre essas possibilidades, qual seria a melhor para si? Porquê? [...resposta...]

Qual o futuro perfeito, o futuro de sonho, que realizaria para si, se tivesse poder absoluto para decidir os acontecimentos? [...resposta...]

E qual a possibilidade de futuro que prevê ser a que realmente acontecerá com maior probabilidade? [...resposta...]

A Escola e o estudo são importantes para o seu futuro? Porquê? [...resposta...]

C.2: Projecto de vida

Falemos agora do seu projeto de vida. Um projecto de vida é uma ideia bastante bem definida daquilo que se pretende realizar no futuro para se ser feliz. Em geral, engloba o desejo de se ter certo tipo de família e de profissão. Tem um projeto de vida? Pode descrevê-lo e explicar o que pensa fazer para realizar esse projeto?

Anexo 6. Questionário sociodemográfico para professores

Consentimento Informado

Declaro que compreendo os objetivos e o tema desta investigação e que participo voluntariamente, aceitando que as minhas respostas sejam incluídas nas publicações científicas dos investigadores.

SIM ___ NÃO ___

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

Ao responder a este questionário, está a participar numa investigação realizada por Rodrigues Wapanga, no âmbito da sua Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, realizado na Universidade Portucalense, visando estudar o fenómeno da indisciplina escolar. Os dados serão tratados de forma confidencial e anónima para salvaguardar a sua privacidade. Agradecemos desde já a sua colaboração.

Sexo: M F Idade: _____ Disciplina(s) lecionada(s): _____

Classe(s) de docência: _____ Escola: _____

Nº de Anos de Atividade Docente: _____

Outras funções desempenhadas na Escola: _____

Habilitações Académicas: _____

ESCALA DE DISRUPÇÃO ESCOLAR INFERIDA (EDEI, Veiga, 2006)

Este questionário é anônimo. Tem a ver com os comportamentos dos seus alunos. Pedese que responda atendendo ao que se passa nas suas aulas. As respostas vão de 1 a 6, segundo o grau de concordância com cada frase, em que 1 corresponde a discordo totalmente, e 6 a concordo totalmente, conforme se especifica:

Discordo totalmente 1	Discordo bastante 2	Discordo mais que concordo 3	Concordo mais que discordo 4	Concordo bastante 5	Concordo totalmente 6
Destroem ou estragam intencionalmente o material da escola.					
Agridem fisicamente os colegas.					
São obedientes aos Professores.					
Falam sem autorização, perturbando as aulas.					
Agridem fisicamente os Professores.					
Dizem palavrões na aula.					
Vêm bêbados ou drogados para a escola.					
Saem do lugar, fazem barulho e outros distúrbios, perturbando a aula.					
Esquecem-se de trazer material para as aulas.					
Roubam coisas na escola.					
Agridem verbalmente os professores.					
São pontuais a chegar às aulas.					
Faltam às aulas por desinteresse.					
Estão distraídos nas aulas.					
Agridem verbalmente os colegas.					
Ameaçam as pessoas na escola.					

ANEXO 7 – Questionário: “Indisciplina escolar: Experiências vividas por professores”

Descreva o episódio de indisciplina que considera ter sido o mais grave de toda a sua carreira de Professor. Exponha o que aconteceu, o que pensou, sentiu e o modo como procurou resolver a situação.

No seu entender, qual a melhor forma de agir perante a indisciplina dos alunos? Porquê?

Segundo a sua experiência, quais serão as causas principais da indisciplina? E como se poderia prevenir?

Registo de entrevista feita em alguns estudantes

Sujeito entrevistado

Sexo: M F Idade: _____ Classe: _____ Escola: _____

Escolaridade do Pai: _____ Escolaridade da Mãe: _____

Profissão do Pai: _____ Profissão da Mãe: _____

Local de Residência: _____ N° de Irmãos/Irmãs (Idades): _____

Idade em que começou a estudar: _____ N° de Reprovações: _____

Entrevista

Local

Data e hora

Duração (intervalos)

ANEXO 8 – Grelha de observação de comportamento agressivo ou de indisciplina escolar

Observação do comportamento (verbal e não-verbal) do entrevistado

Auto-avaliação do entrevistador

Consentimento informado


O entrevistado deve declarar, preferencialmente por escrito, participar de modo voluntário, compreender os objetivos da investigação e autorizar a sua utilização para publicações científicas, salvaguardando-se o seu anonimato.

ANEXO Nº 9 Regulamento interno da escola

Artigo 1º: A disciplina Interna

1. O acesso dos alunos às salas de aulas é feito através da estrada oficialmente estabelecida e unicamente por aquela via entrarão. Portanto, o uso de outras vias está expressamente proibido.
2. Recomenda – se que logo que os alunos cheguem à Escola se dirijam para as respectivas salas de aulas, lá procurem manter – se em silêncio e façam leituras edificantes.
3. Logo que toque a sineta, os alunos que eventualmente ainda não esteja nas salas de aulas, deverão imediatamente dirigir – se para estas.
4. No primeiro tempo de cada período de actividade escolar, há uma tolerância de 10 minutos tanto para os alunos como para os professores, (nos tempos seguintes não há tolerância).
5. A Exibição do uniforme e do Cartão de Estudante é de carácter obrigatório para todos os alunos, sem excepção. De igual modo, a exibição da bata e do Cartão de docente do ICRA é obrigatória para todos os docentes.
6. Somente os docentes devem movimentar o livro de ponto e os funcionários administrativos autorizados.
7. Os alunos que forem encontrados com o livro de ponto nas suas mãos serão severamente sancionados.
8. Aos alunos (as) e aos (à) professores (as), que se vistam de roupas transparentes e ou extravagante, curtas, blusa de costas de fora, pintura berrante, rapazes com brincos, chapéus e cabelos pintados e /ou tranças, será vedado o acesso às aulas
9. «Os alunos devem manter-se sempre na sala e em silêncio durante o tempo de aulas.
10. Enquanto se aguarda pelo(a) professor (a) e/ou quando este (a) está ausente, os alunos devem guardar silêncio e ler alguma coisa útil para a sua formação.
11. O serviço de fotocópia não justifica a ausência do aluno na sala; todas as ausências serão severamente sancionadas.
12. O Contacto com o director da escola deve ser marcado previamente, junto da portaria, bem como o assunto a ser abordado. Somente os docentes e os funcionários administrativos, nalguns casos, em função do ofício gozarão de justas excepções» (Cfr. Instrução Nº 02/2010 do GDICRARH).
13. No decorrer das aulas, os telemóveis quer dos alunos como dos professores devem estar desligados ou no sistema de vibração. Não devem, portanto, atender às chamadas, só em determinados casos, se se comprovar a necessidade premente.
14. Não fumar nos corredores, salas de aula ou recintos desportivos.
15. Somente os professores estão autorizados a usar os quadros das salas e os alunos por eles autorizados durante as aulas.
16. Não se deve escrever nada nas paredes da Escola, sem prévia autorização da direcção da Escola.
17. Não mastigar pastilhas ou qualquer alimento nas salas de aula ou em contacto com professores ou funcionários.
18. Devem os alunos manter – se – de pé quando estão em contacto com o professor ou outra pessoa estranha, dentro e/ ou fora da Instituição e de igual modo serão aplicadas todas as outra normas de conduta que o padrão de boas maneiras oferece.
19. É expressamente proibida a entrada de alunas com bebés nas salas de aulas.
20. Não levar à sala de aulas aparelhos sonoros que possa prejudicar as aulas.
21. Tanto os alunos, como os professores não se devem apresentar na escola armados, drogados ou com sintomas nítidos de embriagues.

GABINETE DO DIRECTOR DO ICRA REGIONAL DO HUAMBO, NO HUAMBO,
AOS 19 DE MARÇO DE 2014, SOLEMNIDADE DE S. JOSÉ ESPOSO DE MARIA


Pe. Salomão Eneito Domingos